



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

LUIS CARLOS JUNIOR SOUSA AGUIAR

**PADRES MISSIONÁRIOS DA COLÔNIA DE SÃO PEDRO DO PINDARÉ:** uma  
pesquisa do trabalho na colônia através das suas correspondências (1841 - 1847)

São Luís /MA

2024

Luis Carlos Junior Sousa Aguiar

**PADRES MISSIONÁRIOS DA COLÔNIA DE SÃO PEDRO DO PINDARÉ: uma  
pesquisa do trabalho na colônia através das suas correspondências (1841 - 1847)**

Monografia apresentada ao curso de História da  
Universidade Estadual do Maranhão, como requisito  
para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dra. Helidacy Maria Muniz  
Correa.

São Luís/MA

2024

Aguiar, Luís Carlos Junior Sousa.

Padres missionários da colônia de São Pedro do Pindaré: uma pesquisa do trabalho na colônia através das suas correspondências (1841 - 1847) / Luis Carlos Junior Sousa Aguiar. – São Luís, 2024.

56f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Helidacy Maria Muniz Correa.

1. Colônia indígena. 2. Catequese. 3. Missionário. 4. Documentos. I. Título.

CDU 268:395.7(=1-82)

**Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837**

**LUIS CARLOS JUNIOR SOUSA AGUIAR**

**PADRES MISSIONÁRIOS DA COLÔNIA DE SÃO PEDRO DO PINDARÉ:** uma  
pesquisa do trabalho na colônia através das suas correspondências (1841 - 1847)

Monografia apresentada ao Curso de  
História da Universidade Estadual do  
Maranhão para obtenção do grau de  
licenciatura em História.

Aprovado em: 02 / 04 / 2024

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**HELIDACY MARIA MUNIZ CORREA**

Data: 19/04/2024 19:24:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dra. Helidacy Maria Muniz Correa (Orientador)**

Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente



**OSMARINA DUARTE SANTOS COSTA NETA**

Data: 19/04/2024 19:45:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Ma. Osmarina Duarte Santos Costa Neta**

Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente



**ELOY BARBOSA DE ABREU**

Data: 19/04/2024 15:28:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Eloy Barbosa de Abreu**

Universidade Estadual do Maranhão

Agrada-te do Senhor, e Ele satisfará os desejos do teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nEle, e o mais Ele fará.

(Salmos 37:4-5)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela grande oportunidade de ter feito o curso de História na Universidade Estadual do Maranhão.

À minha mãe, que me criou sozinha, sendo um exemplo perfeito de ser humano, me mostrando que posso sim ser melhor do que eu era antes.

À Igreja Adventista do Sétimo Dia, que me deu oportunidade de trabalhar com pessoas desde criança, onde me instigou a desenvolver meus talentos.

Aos meus amigos de curso Bruno Silva, Alex Cuba, Sulamita Rocha e Tâmara Reis, os quais fizeram os dias serem menos cansativos e os trabalhos mais tranquilos.

Às minhas grandes amigas de trabalho Brenda Mota, Vanessa Rodrigues e Alessandra Sena que me ajudaram no incentivo das leituras paleográficas.

À minha grande amiga Professora Doutora e Orientadora Helidacy Maria Muniz Correa, que me fez seu bolsista no segundo semestre de 2019 e em seguida me deu a oportunidade de fazer parte de seu núcleo de pesquisa MAREGRAM, me ajudando a desenvolver meus dons acadêmicos.

Ao professor Manuel Marinho, que me deu aulas maravilhosas de História, o qual me fez querer seguir o seu caminho de educador.

A todos que me ajudaram direto, indiretamente e que de alguma forma me fizeram uma pessoa melhor.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho será investigar as correspondências dos padres missionários que passaram pela colônia de São Pedro do Pindaré, que estão baseadas em solicitações, requerimentos e informações. Os Padres missionários da colônia solicitavam mantimentos, como vestimenta para os indígenas que andavam nus, transporte quando se precisava adentrar nas matas ou ir à alguma cidade por perto, moradias para o missionário e índios, alimentos, ferramentas para roçado, brindes para os índios, entre outras coisas. O conteúdo informativo das correspondências está situado em mapas de batismos, evidenciando o quantitativo de índios batizados na colônia, mapas de casamentos e óbitos. Informando ainda sobre as enchentes do rio Pindaré que chegou a cobrir as casas causando uma grande destruição, sobre o abandono da colônia, a fuga de índios, suas doenças e seus descontentamentos quanto a administração do Diretor da dita colônia. Essas correspondências abrangem diversos conteúdos significativos para entendermos a história da dita colônia, seus pressupostos, sua organização eclesiástica e estrutural por meio das correspondências. Tudo isso dentro do contexto de autonomia da Província do Maranhão em promulgar e realizar atos em relação aos índios que vivem em seus territórios. Dessa forma, iremos promover uma análise da administração missionária por meio das correspondências dos Padres Missionários que passaram pela Colônia de São Pedro do Pindaré, enviadas ao Presidente da Província do Maranhão no Brasil enquanto império. Disponibilizadas no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM).

**Palavras-chave:** Colônia indígena. Catequese. Missionário. Documentos.

## ABSTRACT

The goal of this job will be to investigate the correspondence of the missionary priests who passed through the colony of St. Pedro of Pindaré, which are based on requests, requirements and information. The Colony's missionary priests requested groceries, as dressing for the indians who walked naked, transport when you needed to enter the woods or go to some town nearby, housing for the missionary, food, tools for roasts, tools for Indians, among other things. The informative content of the correspondence is located on baptism maps, evidencing the quantitative of Indians baptized in the colony, maps of weddings and deaths. Informing yet about the floods of the Pindar River that came to cover the houses causing a great destruction, about the abandoning of the colony, the escape of Indians, their diseases and their displeasures as the administration of the dicta colony. These correspondences covers several significant contents to understand the story of the dictation of the colony, their assumptions, their ecclesiastical and structural organization through the correspondences. All this within the context of autonomy of the Maranhon Province in promulgation and perform acts regarding Indians living in their territories. That way, we're gonna promote a missionary administration analysis through the correspondence of the Missionary Fathers who passed through the Pedaré Colony, sent to the President of the Maranhon Province in Brazil while empire. Available at the Public Archive of the State of Maranhão (PASM).

**Keywords:** Indian colony. Indians. Catechise. Missionary. Documents.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1 O INÍCIO DO FIM.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 O indígena sem rumo.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 O início do fim no Maranhão .....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 A formação do Padre Missionário e o papel eclesiástico .....</b>	<b>21</b>
<b>2 ANÁLISE DOCUMENTAL: investigando as correspondências .....</b>	<b>24</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A catequese imposta aos povos indígenas no Estado do Maranhão perdurou por muitos anos, os jesuítas autorizados pela igreja católica e pela coroa portuguesa trabalhavam em prol da conversão dos povos indígenas que habitavam em nosso território nos diferentes períodos da história, indo do Brasil enquanto colônia e se estendendo ao Brasil Imperial. Povos esses que eram tratados como bárbaros, inimigos da fé cristã e pagãos foram aldeados e ensinados a viverem de acordo com a padronização europeia.

Diversos fatores se destacam quando se fala em catequese. O indígena era obrigado a se “despir” de seu modo de viver para “vestir” a cultura do colonizador. Esse processo de submissão/dominação, onde uma cultura se sobressai á outra, de modo a anulá-la, foi constante nos primeiros séculos no Brasil. Assim como o papel do indígena fechado somente em escravos, aliados, sem papéis sociais e submissos. (CELESTINO, 2010, p. 16)

Dentro dessas questões se dá a criação das Diretorias indígenas no período pombalino (1750-1777), as quais organizavam a esquematização operacional das entradas nas terras dos índios e remodelou o sistema de direção das colônias. Uma vez que o mesmo se dava somente pela infalibilidade papal (poder infalível do papa baseado em Deus), agora passa a ser arquitetado pelas autoridades governamentais, regido apenas por homens.

Pombal cria o que é chamado de *Diretório dos Índios*<sup>1</sup> em 1755, mas que se torna público somente em 1757, esse documento dita a criação das colônias indígenas como papel fundamental para a civilização dos índios do Brasil. Essa nova organização das Diretorias tira a administração do poder eclesiástico limitando a sua atuação dentro das colônias, uma vez que eram os padres jesuítas quem tinham o total controle administrativo e religioso, agora passando para um indicado do Presidente da Província, sendo esse “dotado de bons costumes, zelo, prudência, verdade, ciência da língua”. (DIRETÓRIO, 1755, art. 03)

Em consonância ao demorado número de indígenas no interior do Maranhão, Fonsêca (2017) em sua pesquisa (COELHO apud MELLO, 1990, p. 95) nos alude sobre a necessidade da criação de uma missão indígena no Maranhão. A

---

<sup>1</sup> Documento que expressa importantes aspectos da política para indígenas do período da história de Portugal e do Brasil denominado “Pombalino”.

fim de facilitar a navegação pelo rio Pindaré, já que os barcos que navegavam por lá eram cotidianamente atacados por indígenas.

Sobre a Colônia de São Pedro do Pindaré, nós encontramos poucos vestígios sobre a sua fundação:

A Colônia São Pedro do Pindaré é resultado da aldeia Adega Grande de São Lourenço de Barbados, fundada em 1758, sendo a primeira aldeia no Maranhão Império. Ao ser elevada a categoria Colônia em 1840, concretizou-se a primeira tentativa de missão indígena no Maranhão, objetivando facilitar as navegações pelo rio Pindaré, uma vez que os índios Guajajara habitantes nas margens desse rio tornavam o acesso e o trânsito dos não indígenas arriscados, pois os índios atacavam as embarcações. Na busca de superar tal situação, o então Presidente da Província, o Marquês de Caxias, ordenou que se fundassem uma Colônia a direita do dito rio, com o nome São Pedro do Pindaré, sob as ordens do Diretor Tenente Coronel Fernando Luís Ferreira, o que de fato pretendia com a elevação desta aldeia a categoria de Colônia, era evitar que os índios se associassem aos revoltosos da Balaiada, visto que, as principais lideranças desse movimento estavam próximas daquela região. A construção desta colônia se dá pelo projeto Imperial, com o objetivo de formar a primeira missão indígena da Capitânia do Maranhão (FONSÊCA, 2017, P. 5)

Essas Diretorias estiveram presentes no Brasil ainda na fase imperial. Este presente trabalho analisará apenas uma dessas diversas colônias criada nesse período, a Colônia de São Pedro do Pindaré, a qual se voltará ao olhar do Padre Missionário da dita colônia. Os documentos trabalhados estão no Setor de Avulsos no Fundo de Secretaria de Governo na série de Correspondências das Diretorias Indígenas do Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM).

Os índios sempre estiveram presentes na história do Brasil, foram essenciais na conquista e colonização <sup>2</sup>, um fato incontestável, e há uma vasta documentação a respeito do conteúdo questionado; decretos, leis, regimentos, ofícios. Mas de tudo isso, trabalharemos apenas com as correspondências do Padre Missionário da Colônia de São Pedro do Pindaré ao Presidente da Província do Maranhão nos anos de 1841 a 1847.

O objetivo desse trabalho será investigar as correspondências dos padres missionários que passaram pela colônia de São Pedro do Pindaré e que estão

---

<sup>2</sup>ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os Índios na história do Brasil. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

baseadas em solicitações e informações. Os Padres missionários da colônia solicitavam mantimentos, como vestimenta para os “gentios” que andavam nus, transporte quando se precisava adentrar nas matas ou ir à alguma cidade por perto, moradias para o missionário e índios, alimentos, ferramentas para roçado, brindes para os índios, entre outras coisas.

A relevância da pesquisa consiste em valorizar a importância do estudo da história local. Entender como se deu a administração da colônia pela ótica de padres que participaram do desenvolvimento, no que mais tarde se transformou em cidade. A pesquisa em torno da história indígena está em estado embrionário, ainda mais no que se refere ao início dessa história.

As produções referentes aos indígenas na história do Estado do Maranhão ainda são poucas e o que vamos retratar é de total relevância para entendermos a conjuntura das colônias no Maranhão enquanto província no império brasileiro. Todas essas questões estão relacionadas com o Maranhão contemporâneo, já que a maiorias dessas colônias se mantiveram firmes estruturalmente e se tornaram municípios posteriormente.

O conteúdo informativo das correspondências está situado em mapas de batismos, evidenciando o quantitativo de índios batizados na colônia, mapas de casamentos e óbitos. Informando ainda sobre as enchentes do rio Pindaré que chegou a cobrir as casas causando uma grande destruição, sobre o abandono da colônia, a fuga de índios, suas doenças, seus descontentamentos quanto a administração do Diretor da dita colônia, entre outras coisas.

Essas correspondências abrangem diversos conteúdos significativos para entendermos a história da colônia de São Pedro do Pindaré, seus pressupostos, sua organização eclesiástica e estrutural por meio das correspondências. Tudo isso dentro do contexto de autonomia da Província do Maranhão em promulgar e realizar atos em relação aos índios que vivem em seus territórios.

A monografia será apresentada em dois capítulos. O primeiro, intitulado de *O Início do fim* trata sobre a invasão territorial feita por europeus, tanto na América em geral quanto mais especificamente no Maranhão. Ele está subdividido em três tópicos. O primeiro relata sobre as Grandes navegações e faz menções as civilizações pré-colombianas, assim como sua destruição. O segundo trata mais especificamente do Maranhão, relatando sobre as colônias indígenas e os movimentos dos Padres Missionários. O terceiro e último tópico, abrange as

perspectivas dos Padres Missionários nas Colonias, quais eram seus papéis e como deveriam atuar com os indígenas.

O segundo capítulo, intitulado de *Análise documental: investigando as correspondências*, traz uma visão mais aprofundada das correspondências dos padres Missionários da Colônia de São Pedro do Pindaré ao presidente da Província. Onde se destacam textos dos próprios padres; quadros de óbitos, batismos e casamentos; assim como solicitações e reclamações. Envolvendo toda a estrutura da colônia.

## 1 O INÍCIO DO FIM

### 1.1 O Indígena sem rumo

Há cerca de 500 anos conta-se que o Brasil foi “descoberto” e vemos em vários livros didáticos de História que nosso país surgiu por meio de agentes europeus, dotados de conhecimentos e culturas, que encontraram uma terra longínqua, “abandonada”. Certamente o Brasil não foi descoberto, nem tanto estava abandonado. Como que uma terra com milhões de pessoas morando nela pode, simplesmente, está abandonada? É de se imaginar que o “homem ideal”, o padrão proposto pela sociedade europeia era o molde a ser seguido, e obviamente esse padrão não se encontrava em nossas terras. Os primeiros habitantes do Brasil sofreram com os colonizadores, onde ficaram a mercê de armas e eram sujeitados a se adaptarem aos princípios impostos.

De acordo com Magalhães (2012) que nos proporciona uma análise acerca do processo de civilização na América dirigida pelos europeus. Criticando o uso indevido de força e suas peculiaridades no que tange aos primeiros contatos:

Como a América se achava povoada e em parte civilizada desde remotíssimas eras, que a história e a imaginação não atingem, e completamente ignoramos donde procederam os seus primeiros íncolas, não há razão para nós, vindiços alienígenas, como tais também os tratemos. Indígenas lhes chamam todos os geógrafos e, se essa designação lhes não cabe, também a ninguém mais pertence. (DE MAGALHÃES, 2012, v. 1, n. 1, 2014. P.09)

Pronto! “Descobriu-se o Brasil.” Talvez viesse à mente de algum dos colonizadores a seguinte indagação: o que fazer com esses moradores indesejáveis que ocupam nossas terras desde antes delas serem nossas? É irônico pensar que algum deles, em sua consciência, pensaria algo do tipo. Aonde que um europeu explorador iria se importar em esquadrihar a situação indígena se não por interesses?

De maneira geral, espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e holandeses, todos participaram do processo de colonização do Continente Americano. Atualmente podemos dividir culturalmente a América da seguinte forma:

1- América Latina: parte da América colonizada por portugueses e espanhóis;

2- América Anglo-Saxônica: parte da América colonizada por ingleses, franceses e holandeses.

O ponto de partida para a ocupação europeia na América foram as grandes navegações. Em busca de uma rota alternativa que pudesse conduzir até às Índias (Ásia), os europeus navegando pelo Atlântico encontraram outros territórios até então “desconhecidos”. Nesse contexto acabaram chegando e ocupando a América.

Comumente estudamos nas escolas que em 12 de outubro de 1492 os espanhóis chegaram a América, com a expedição de Cristóvão Colombo. Colombo acreditava ter chegado nas Índias, mas logo descobriu-se que a terra encontrada era um novo continente. Com isso, os espanhóis se desestimularam e de certa forma abandonaram a terra encontrada, voltando-se novamente para outras expedições tentando alcançar as Índias. O domínio espanhol e a consequente colonização certamente estão entre os acontecimentos que mais marcaram a história do Novo Mundo (FLORESCANO, 2001, p. 259).

Alguns aventureiros espanhóis conseguiram permissão real para vir à América explorar nosso território, em busca de supostas riquezas. Essas expedições eram particulares, ou seja, sem o patrocínio do Estado. As mais destacadas são:

1- *Fernão Cortez (também citado como Hernan Cortez)*: com sua expedição, explorou o território equivalente ao atual México, saqueando as riquezas da nação Asteca que habitava na região e dizimando a população indígena:

O dominicano descreveu com drama as matanças coletivas dos índios, a violação de mulheres, as epidemias, os assassinatos de centenas de chefes indígenas e, para isso, recorria a diversas cenas bíblicas de cativo e escravidão. O discurso lascivioso, em que o indígena era visto como vítima das atrocidades dos espanhóis teria enorme repercussão na história do continente americano e nele o indígena aparecia como fraco, indefeso, violentado pelo massacre europeu, pela crueldade e, sobretudo, pela cobiça dos espanhóis. No entanto, ao mesmo tempo em que defendeu os indígenas, Las Casas acabou reforçando a ideia de superioridade espanhola, nas armas, nas técnicas e criando o mito do indígena fraco, frágil, igualmente carente de ajuda externa o que fez perpetuar ainda mais a concepção de que o indígena necessitava de ajuda, como se fosse uma criança indefesa e de que o continente americano, vítima da cobiça, vivia jorrando sangue e de veias abertas ao domínio estrangeiro. (PORTUGAL, MORAIS, v. 9, n. 18, 2010. P.93)

2- *Francisco Pizarro e Diego Almagro*: com sua expedição chega a América do Sul e utilizando sua superioridade militar, impôs o seu domínio sobre o território dos Incas, saqueando seus tesouros e promovendo um enorme e violento massacre a população, matando seu líder e causando uma desordem irrecuperável:

Queimaram os cabelos do Inca e logo o amarraram a um poste e o garrotearam. O corpo ficou exposto até o dia seguinte e quando a notícia se espalhou vários servidores e mulheres se suicidaram. Manuel de Mendiburu conta que o funeral foi celebrado com a participação de Pizarro e seus oficiais, todos com sinais de luto e muito pesar, grande farsa praticada pelos conquistadores sempre que tiravam a vida a um inimigo (PORTUGAL, MORAIS, v. 9, n. 18, 2010. P.100)

O mundo recém descoberto era novidade. Os Estados que eram as potências mundiais se mobilizavam em uma corrida de exploração. Nações como Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra, não mediram esforços no que se refere à sondagem de novas terras. Os europeus a fim de tomarem o continente americano se depararam com os povos pré-colombianos, ou seja, já existiam centenas de anos antes da chegada de Colombo, passaram por cima de tudo e de todos, sem se importarem com a história, cultura e principalmente com a vida desses povos.

MAGALHÃES 2014, também nos elucida com seu parecer sobre a entrada dos europeus em nosso continente. Articulando os métodos, assim como o genocídio dos povos nativos e dizimação de culturas:

Infelizmente porém os bárbaros da Europa que aniquilaram o colossal império dos Incas<sup>xv</sup>; que devastaram tantas cidades florescentes do México e do Peru e tantos monumentos destruíram, com tão estúpida ferocidade nos roubaram as melhores páginas que nos poderiam guiar na pesquisa da antiguidade americana. Contudo, à vista dessas ruínas eloquentes de Cusco<sup>vi</sup>, Tiahuanaco<sup>vii</sup>, Uxmal<sup>viii</sup>, Tulhaxix, Tenochtitlán<sup>xx</sup>, Culhuacán<sup>xxi</sup>, e Tezcucó<sup>xxii</sup>, essa Atenas americana, onde Zumárraga<sup>xxiii</sup>, primeiro bispo do México, invejoso da glória atribuída a Omar<sup>xxiv</sup>, amontoou em uma praça todos os documentos da história, da literatura e das artes, e todos os manuscritos, hieróglifos e pinturas dos astecas<sup>xxv</sup> e ergueu uma pirâmide que entregou às chamas; à vista dessa multidão de cidades, de canais, de pontes, de pirâmides, do papel de pita, cartas geográficas, e divisão do ano em 365 dias e dessa



maravilhosa estrada de quinhentas léguas de Cusco ao Quitoxxvi, por entre montanhas, talhada nas rochas, e guarnecida de arsenais, fortalezas, templos e hospícios para os caminantes; à vista dessas gigantescas ruínas descritas por Garcilasoxxvii, Humboldtxxviii, Kingsboroughxxix e outros viajantes, documentos incontestáveis de uma civilização de caráter antigo e original, que denuncia gerações sucessivas e séculos para ter chegado a esse ponto de grandeza e esplendor; à vista de todos esses fatos, tão fácil nos é supor essa civilização anterior, como contemporânea da mais antiga civilização da Índia e do Egito. (CUNHA, 2012, P. 14)

Ainda precisamos saber é que na chegada dos Portugueses, logo no primeiro contato com os nativos, existiam milhões de habitantes vivendo no Brasil. Esse número foi reduzindo no decorrer da história. Algo aconteceu nesse processo para hoje termos um número bastante reduzido. A tomada da terra, o genocídio, a imposição de cultura, a proliferação de doenças, entre outras coisas, é resultada do morticínio indígena no Brasil.

Antes de entrarmos nas questões mais pertinentes deste estudo, precisamos entender em primeiro plano a origem organizacional dos primeiros grupos humanos na América. Os indígenas foram os primeiros grupos humanos aqui em nosso território, deste modo desenvolveram formas interessantes de cultura e tradições, assim como a própria organização social. É de suma importância saber que os grupos presentes não eram homogêneos, eles se diferenciavam e se diferem, dependendo da etnia.

Para o historiador Diego Rabêlo (2019, p.12), a colonização veio também para atribuir termos estigmáticos e generalizadores para esses grupos. Dessa forma ele cita:

Os primeiros grupos humanos a habitar a América Portuguesa foram os povos indígenas que ao longo de séculos desenvolveram sofisticadas formas de organização social, cultural e linguística. No início da Colonização havia uma diversidade de povos indígenas que falavam diversas línguas, com culturas e particularidades diversas entre si. Neste sentido, pode-se afirmar que as populações indígenas eram grupos heterogêneos com características distintas uma das outras. Contudo, o colonizador os enquadrava na categoria de “índios”, como se todos fossem iguais.

O início do fim se deu também quando chegaram junto com os exploradores as doenças. Os indígenas não tinham imunidade suficiente para lidarem com essas novas enfermidades. A população se entendia desde o litoral até o interior do Brasil, de acordo com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) cerca de 3 milhões de indígenas viviam em nosso território, 2 milhões pelo litoral e 1 milhão no interior.

Em 1650 essa população decresceu demasiadamente, de 3 milhões passaram para apenas 700 mil. E continuou diminuindo, até que chegou a 70 mil indígenas em 1957, desse ano pra cá a população indígena veio aumentando. Principalmente depois das leis que vieram para proteger a cidadania dos povos indígenas.

A figura abaixo é um quadro demonstrativo de como foi o decréscimo das populações indígenas no Brasil durante os anos:

**Figura 1** - quadro demográfico das populações indígenas no Brasil

ano	pop ind/ litoral	pop ind/ interior	total	% pop total
1500	2.000.000	1.000.000	3.000.000	100,00
1570	200.000	1.000.000	1.200.000	95,00
1650	100.000	600.000	700.000	73,00
1825	60.000	300.000	360.000	9,00
1940	20.000	180.000	200.000	0,40
1950	10.000	140.000	150.000	0,37
1957	5.000	65.000	70.000	0,10
1980	10.000	200.000	210.000	0,19
1995	30.000	300.000	330.000	0,20
2000	60.000	340.000	400.000	0,20
2010	272.654	545.308	817.962	0,26

Fonte: produto educacional “Repertório Pedagógico sobre a temática indígena” por Diêgo Rabelo 2019.

Sobre esse quadro demonstrativo, percebemos que houve um decréscimo da população indígena logo nas primeiras décadas de contatos com os europeus. Em 1500, estima-se que a população indígena no litoral era de 2.000.000 (dois milhões), sendo que 70 anos depois esses 2 milhões se tornaram apenas 200 mil. Uma diminuição de 1,8 milhões de indígenas, isso apenas no litoral brasileiro.

Diêgo Rabelo 2019 nos elucidou:

De acordo com a FUNAI “desde 1500 até a década de 1970 a população indígena brasileira decresceu acentuadamente e muitos povos foram extintos. O desaparecimento dos povos indígenas passou a ser visto como uma contingência histórica, algo a ser lamentado, porém inevitável. No entanto, este quadro começou a dar sinais de mudança nas últimas décadas do século passado. A partir de 1991, o IBGE incluiu os indígenas no censo demográfico nacional. O contingente de brasileiros que se considerava indígena cresceu 150% na década de 90. O ritmo de crescimento foi quase seis vezes maior que o da população em geral. O percentual de indígenas em relação à população total brasileira saltou de 0,2% em 1991 para 0,4% em 2000, totalizando 734 mil pessoas. Houve um aumento anual de 10,8% da população, a maior taxa de crescimento dentre todas as categorias, quando a média total de crescimento foi de 1,6%”.

O termo genérico “índio”, comumente utilizado para retratar todos os povos indígenas foi trazido pelos colonizadores com o intuito de classificar todas as etnias presentes em nosso território, não valorizando suas diferenças culturais e muito menos a história.

Sobre essas afirmações o Antropólogo Baniwa (2006, p. 29), nos informa o seguinte:

Com o surgimento do movimento indígena organizado a partir da década de 1970, os povos indígenas do Brasil chegaram à conclusão de que era importante manter, aceitar e promover a denominação genérica de índio ou indígena, como uma identidade que une, articula, visibiliza e fortalece todos os povos originários do atual território brasileiro e, principalmente, para demarcar a fronteira étnica e identitária entre eles, enquanto habitantes nativos e originários dessas terras, e aqueles com procedência e outros continentes, como os europeus, os africanos e os asiáticos. A partir disso, o sentido pejorativo de índio foi sendo mudado para outro positivo de identidade multiétnica de todos os povos nativos do continente. De pejorativo passou a uma marca identitária capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns. É neste sentido que hoje todos os índios se tratam como parentes.

Toda história nos conta dos movimentos indígenas, a luta por direitos de reconhecimento e moradia, assim como a luta pela sua própria vida. Essas circunstâncias abordadas nos ajudam a entender que os povos indígenas foram e

ainda são deixados à margem da sociedade. Cabendo ao poder público mudar esse fator imprescindível.

## **1.2 O Início do fim no Maranhão**

Milhares de povos indígenas desapareceram do território maranhense por conta das entradas, o processo de expedição territorial autorizado pelo governo objetivando a catequese e civilização dos indígenas. Esse encontro de sociedades do Antigo e do Novo Mundo é descrito por Manuela Carneiro Da Cunha como um morticínio fruto de um processo complexo baseado em ganância e ambição, cujo resultado se caracterizou em redução da população indígena de milhões para, apenas, alguns milhares espalhados pelo nosso território:

Esse morticínio nunca visto foi fruto de um processo complexo cujos agentes foram homens e micro-organismos, mas cujos motores últimos poderiam ser reduzidos a dois: ganância e ambição, formas culturais da expansão do que se convencionou chamar o capitalismo mercantil. Motivos mesquinhos e não uma deliberada política de extermínio conseguiram esse resultado espantoso de reduzir uma população que estava na casa dos milhões em 1500 aos pouco mais de 800 mil índios que hoje habitam o Brasil. (CUNHA, 2012, p.14)

Essas questões estão inteiramente ligadas com a criação das colônias no Maranhão, uma vez que os resultados esperados de acordo com os objetivos pertinentes dos governantes sempre foram os mesmos, de se impor e garantir a inviolabilidade dos seus territórios. Subjugando assim todos aqueles que não estavam de acordo com os modos e costumes deles, o principal autor que se encaixa nessa descrição é o indígena.

O Diretório dos Índios foi um projeto moldado cujo objetivo principal era a civilização, levado de maneira impositiva aos indígenas usado como instrumento fundamental da igreja, essencial para a catequese indígena. Levando, como dito no Diretório, o modo de vida correto aos desafortunados de sabedoria e vivência em sociedade.

Elba Monique de Chagas da Cunha nos caracteriza esse processo da imposição do Diretório como responsável por trazer paz e tranquilidade de acordo

com o governo colonial e imperial. Sendo assim uma estratégia lógica para a inserção do mundo civilizado no devido espaço:

“Todavia, assim como as organizações religiosas não conseguiram garantir o sucesso esperado pelos missionários, ou seja, que os índios fossem, através da catequese, incorporados à civilização; é pertinente se questionar se o Diretório alcançou os objetivos esperados pelos Diretores e autoridades régias - a transformação dos índios em súditos, e qual impacto esta nova política causou na sociedade colonial e na vida dos indígenas. (CUNHA, 2013, P. 19)

Maria Regina Celestino de Almeida nos esclarece que o interesse em aproveitar os ensinamentos era mútuo. Os indígenas eram ensinados a ler e escrever em português, a usarem ferramentas novas e serem culturizados por meio das missões indígenas organizadas e aprovadas pelo governo:

“A política de aldeamentos foi essencial para o projeto de colonização. Afinal, índios aliados eram indispensáveis ao projeto, pois além de compor as militares, deviam ocupar os espaços conquistados contribuir, mão obra, para construção das sociedades coloniais. As novas aldeias que criavam próximas aos núcleos portugueses foram, século XVI ao XIX, privilegiado para inserção desses índios na ordem colonial. Desempenharam importantes funções e foram, grosso modo, estabelecidas e administradas por missionários, principalmente jesuítas. Até muito recentemente, essas aldeias, além de pouco estudadas, eram vistas pela historiografia apenas a partir dos interesses Coroa, dos missionários e dos colonos. Conseqüentemente, eram entendidas como simples espaços dominação sobre índios submetidos às novas regras, perdiam suas culturas e identidades, anulavam-se enquanto atores sociais e saíam da nossa história. (ALMEIDA, 2010, P. 71)

Enquanto isso, os Padres missionários também se instigavam a conhecerem melhor e aprenderem a língua dos indígenas, para assim terem uma dominação maior e bem mais eficaz nos seus objetivos. E com os estudos das diretorias das colônias, iremos nos aprofundar nesse papel civilizatório da metrópole em cima dos indígenas de diversas etnias espalhados pelo território maranhense.

Dentro desse viés, Maria Rosário Carvalho nos promove uma discussão sobre o olhar europeu em direção ao indígena no Brasil. Possibilitando uma reflexão a partir de fatos destacados em sua obra. Portanto, é de suma importância resgatar os

valores sociais propostos pelas políticas para os indígenas no século XIX, com o objetivo de comparar com a sociedade do Brasil contemporâneo. Ela destaca:

Desnecessário é lembrar que o observador externo europeu quase que em geral visualizou os índios, no Nordeste, no século XIX, de uma perspectiva pessimista, acentuando a sua decadência física e cultural e o seu conformismo face à adversidade, e, portanto, ignorando a extraordinária resistência demonstrada (V. Dantas, Sampaio e Carvalho 1992: 447). Nesse sentido, é bem ilustrativa a peremptória observação de Sir Richard Burton sobre os Truká, ao desembarcar na Ilha da Assunção, no São Francisco, em 1867: “(...) Todos os velhos selvagens morreram. O que resta é uma raça mestiça, cujo cabelo encaracolado vem da África (Burton 1980:217/218 apud Batista 1991:47). (CARVALHO, 2006, P. 3)

Tratando sobre a política indigenista, sabemos que esses povos, com sua diversidade étnica e cultural, eram vistos apenas como um só, ou seja, eram caracterizados por serem ignorantes, preguiçosos, violentos, entre outras classificações. Mas nunca foram entendidos como povos humanos, apenas diferentes de uma cultura vigente. Sampaio em seu artigo nos destaca sobre essa política:

A nova legislação criou uma estrutura de aldeamentos indígenas, distribuídos por todo o território, sob a gestão de um Diretor Geral de Índios, nomeado pelo Imperador para cada província. Cada aldeamento seria dirigido por um Diretor de Aldeia, indicado pelo Diretor Geral, além de um pequeno corpo de funcionários. Cabia aos missionários a tarefa relativa à catequese e à educação dos índios, enquanto que os outros funcionários imperiais se encarregariam da vida cotidiana, incentivando o cultivo de alimentos, monitorando os contratos de trabalho, mantendo a tranquilidade e polícia dos aldeamentos, regulando o acesso de comerciantes, contactando índios ainda não-aldeados e controlando as terras indígenas, dentre muitas outras atividades previstas. Já não era sem tempo. As demandas pela elaboração de instrumentos capazes de dar conta da questão indígena eram frequentes e muitas eram as vozes que se pronunciavam a respeito. (SAMPAIO, 2009, P. 2)

RABÊLO 2019, conta que desde o período Colonial o território que denominamos atualmente de Maranhão era ocupado por diversos povos indígenas. Contudo, muitos desapareceram devido ao contato com os colonizadores que trouxeram consigo doenças, guerras e escravização. O estudo do repertório

indígena nos elucidará sobre o contexto territorial e administrativo vigente no período em questão, principalmente os que se referem aos indígenas como apenas objetos do colonizador.

Devemos nos questionar e entender sobre o papel do indígena na construção do Brasil. Qual a sua importância na história de nosso país e como foi tratado no início da colonização da América portuguesa. Todos os agentes presentes na história de luta e resistência dos povos nativos foram sem dúvidas o pivô para as suas movimentações. Sobre a estratégia estatal temos a seguinte afirmação trabalhada nas análises da política indigenista:

Sem dúvida, as aldeias religiosas ou missões visaram não apenas cristianizar os índios, mas ressocializá-los, tornando-os súditos cristãos do Rei de Portugal, que teriam vários papéis a cumprir na nova sociedade que se construía. A coroa e a igreja se associaram nesse empreendimento, no qual os aspectos religiosos, políticos e econômicos se misturavam. (DE ALMEIDA, 2010, P. 72)

### **1.3 A Formação do Padre Missionário e o Papel Eclesiástico**

É de suma importância que todos entendam esse contexto prévio, para que na leitura dos seguintes capítulos fiquem inteirados nos objetivos propostos. Para que assim usufruam de uma leitura com uma visão mais ampla.

Para entendermos como os padres eram comissionados para as missões nas colônias e como agiam dentro do contexto político e religioso, precisamos abordar em primeira mão o porquê de tais alinhamentos e ações eclesiais. A Companhia de Jesus, conhecida também como Ordem dos Jesuítas, foi criada em 1534 como uma forma da Igreja Católica de promover a sua fé, dentro do contexto do crescimento do Protestantismo no mundo.

Dentro dos estudos a respeito das ações jesuítas no Brasil, Vittorio Consiglio(2003, p. 11) nos apresenta uma breve instrução sobre essas questões as quais objetivamos no presente trabalho:

Os jesuítas, cujo serviço no Brasil era subordinado ao Padroado régio, se propunham a catequizar as populações indígenas e, também, a cuidar espiritualmente dos colonos portugueses. Baseando-se nas Sagradas escrituras, lidas segundo o impulso da Reforma católica, os jesuítas, como

apóstolos modernos formados na militância e na abnegação, querem contribuir - através da difusão da fé - para a realização do plano providencial de salvação da humanidade, também necessário à salvação de si mesmos. A própria técnica de formação do jesuíta sugere métodos de conversão aplicados aos índios do Norte brasileiro.

A afirmação acima nos promove uma análise crítica acerca do movimento jesuíta no Brasil. Da mesma forma que a metrópole portuguesa trabalhava em prol da exploração das riquezas inerentes de trabalhos de escravizados no território brasileiro, os chefes da igreja católica trabalhavam incansavelmente para se apropriar de novos convertidos. E para cumprir seus objetivos, eles apropriavam-se de ferramentas próprias de sua função como a fé, especialização dos padres missionários e principalmente a influência que o clero tinha dentro do império. Como cita Santirocchi(2013, p.13):

Ao estudar as relações entre Igreja e Estado no Brasil do século XIX, um aspecto que acaba vindo à tona é que ambos estão em um contemporâneo processo de institucionalização. As relações entre esses dois poderes, civil e eclesiástico, acabam por influenciar e moldar seus respectivos desenvolvimentos, sendo difícil compreender um sem o outro. Num só tempo são aliados e adversários. Por vezes se auxiliam, mesmo que com objetivos diversos, por vezes se confrontam até as últimas consequências.

Essa ordem religiosa se inseriu no processo das reformas religiosas, com o objetivo de fazer crescer a fé da religião católica apostólica romana no mundo, conhecido também como Contrarreforma. E essa ordem chegou na América portuguesa. Com isso, em 1549 começaram a atuar no território brasileiro, liderados pelo Padre Manuel da Nóbrega, dentro do processo do sistema administrativo do Governo Geral, quando a América portuguesa já estava um pouco mais organizado.

Aconteceu dentro da administração do primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza. Vale lembrar que essa inquisição surgiu também como uma espécie de fiscalização das missões jesuíticas, já que eles tinham como principal objetivos formar aldeamentos com os povos indígenas, para assim cristianizar esses povos, os tomando de suas etnias e impondo o abandono de suas tradições.

Dessa forma eles eram catequisados dentro da Santa Sé, da fé cristã. E essas missões causavam um certo controle, pra saber se estava ocorrendo de



acordo com o planejado pela metrópole. Isso está interligado no que conhecemos como contrarreforma.

Já que Lutero deu início ao movimento reformista em 1517, isso nos induz a entender que o protestantismo estava se espalhando demasiadamente no mundo. Essa questão significa que, a Inquisição portuguesa vai tentar apagar também qualquer vestígio de alguma outra religião que seja contrária aos princípios, doutrinas e crenças fundamentais da igreja católica apostólica romana.

O Brasil enquanto império, obteve uma influência significativa da igreja católica, principalmente no que se diz respeito na relação com os indígenas. Essa relação perdurou por muito tempo e também foi expressiva para a história indígena brasileira. E primordialmente, é sabido que os missionários católicos foram enviados para catequizar os indígenas e convertê-los ao cristianismo.

Os missionários estabeleceram missões e aldeamentos onde os índios eram catequisados. Dessa forma, eram ensinados sobre a fé católica e também a língua do colonizador e seus costumes. Em alguns casos, os padres também protegiam os indígenas da exploração dos colonizadores, promovendo uma espécie de justiça humanitária, que ao mesmo tempo explorava culturalmente e impulsionava a perda identitária das etnias indígenas.

Em represália à imposição de cultura por parte dos missionários, a grande maioria dos indígenas se rebelavam. Vemos parte dessa concepção nos documentos utilizados no próximo capítulo. Em relação a isso, nós entendemos que muitos não aguentavam os abusos por parte dos eclesiásticos. Apesar de que várias outras missões terem uma relação harmoniosa com seus colonos e padres missionários, isso não tira da história que essa relação começou em ``bons lençois``, como já visto no começo deste capítulo.

Essa imposição que questionamos, vai ser tratada minuciosamente no próximo capítulo, onde vamos relatar, de acordo com as correspondências, o estilo de vida naquele período, assim como lutas de resistências e questionamentos importantes.

## 2 ANÁLISE DOCUMENTAL: investigando as correspondências

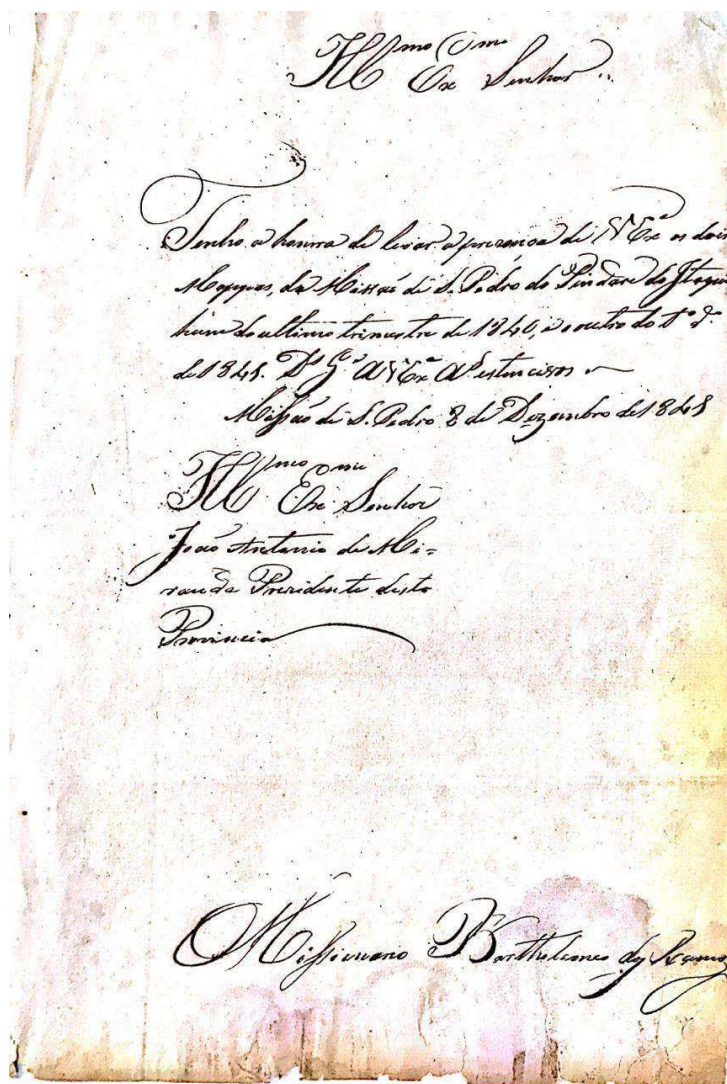
Os documentos que iremos trabalhar neste capítulo é de inteira relevância para o presente trabalho. Neles teremos uma percepção maior no que se refere a convivência dentro da Colônia de São Pedro do Pindaré no Maranhão. Essas correspondências são baseadas em informações, solicitações e agradecimentos dos Padres missionários da dita colônia ao Presidente da província.

Os documentos estão ordenados por datas e serão expostos em sequências numeradas.

### Documento 1—Colônia de São Pedro do Pindaré, 8 de dezembro de 1841

O seguinte documento contém 3 páginas:

Página 1



Transcrição: *Ill<sup>mo</sup> Ex<sup>mo</sup> Senhor / Tenho a honra de levar a prezença de VEx<sup>a</sup> os dois / Mappas da Missão de S. Pedro do Pindare do Itaquí / hum do ultimo trimestre de 1840 e o outro do 1º dº / de 1841. D<sup>s</sup> G<sup>e</sup> A V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> A<sup>s</sup> estencivos / Missão de S. Pedro 8 de Dezembro de 1841 / Ill<sup>mo</sup> Ex<sup>mo</sup> Senhor / João Antonio de Mi=randa Presidente desta / Provincia / Missionario Bartholomeo dos Ramos*

Em todos os ofícios enviados às autoridades, os padres missionários iniciavam com o tratamento adequado antes de chegar ao teor do assunto. Dessa forma eles escreviam ‘Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor’, ‘Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Chefe’ e assim por diante. Sempre tratando respeitosamente a pessoa que irá ler o conteúdo da carta.

Página 2

*Missão de S. Pedro do Pindare do Itaquí*  
*Mappas dos Baptizados, Casamentos, e Obitos do anno*  
*de 1840*

	Baptizados		Indios		Obitos em casa		Obitos livres		Por desobediencia		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
<i>Baptizados</i>	11	11	2	9	11	11	11	11	11	11	10
<i>Casamentos</i>	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	
<i>Obitos</i>	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	29

*Este Mappas he do ultimo trimestre do anno financeiro, e sendo o 1º dado p<sup>r</sup> esta Missão, e novas cresçam e / im completo, que terá principio dia 14 de Mayo de 1841, dia da posse do missionário, todos estes mortos foram / Baptizados, a mor parte in articulo mortis, por serem adultos e ainda em estado de cathecummos / Missão de S. Pedro 1º de Julho de 1841 / Missionario Bartholomeo dos Ramos*

Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: *Missão de S. Pedro do Pindare do Itaquí / Mappa dos Baptizados Casamentos e Obitos do anno de 1841 / Este Mappa he o ultimo trimestre do anno financeiro, e sendo o 1º dado p<sup>r</sup> esta Missão, e novas cresçam e / im completo, que terá principio dia 14 de Mayo de 1841, dia da posse do missionário, todos estes mortos foram / Baptizados, a mor parte in articulo mortis, por serem adultos e ainda em estado de cathecummos / Missão de S. Pedro 1º de Julho de 1841 / Missionario Bartholomeo dos Ramos*

A segunda página do documento traz um relatório de 1840, bem organizado e que precisamos fazer menção sobre a Colônia de São Pedro do Pindaré. Primordialmente, podemos analisar que ele faz distinção de classes de pessoas e sexo, organizando em quatro diferentes classes de seres humanos, sendo elas brancos, que eram famílias de colonos ou indicados para morar na colônia; indígenas, tratado como objeto da catequese; pretos escravos, usados para trabalhos pesados; pretos livres, que também trabalhavam na colônia e pardos escravos.

Nesse mapa o Padre missionário leva a soma total de casamentos, óbitos e batismos dentro da colônia, fazendo a distinção entre as classes sociais e sexo. Sendo assim, ele conclui que dentre os batizados soma-se 10 índios, sendo 3 homens e 7 mulheres. Já referente as mortes, o número de índios também entra em destaque, 29 mortes, sendo 11 homens e 18 mulheres.

Página 3

*Missão de S. Pedro do Pindaré do Itaquí.  
Mappa dos Baptizados e Casamentos e Obitos do 1º trimestre.  
do anno de 1841*

	Brancos		Indios		Pretos escravos		Pretos livres		Pardos escravos		Totalidade
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Baptizados	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	10
Casamentos	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
Obitos	1	1	15	6	1	1	1	1	1	1	28

*Estes mortos foram Baptizados in articulo mortis, e ainda em estado de catecamos / Missão de S. Pedro 1º de Julho de 1841 / Missionario Bartholomeo dos Ramos / Missão de S. Pedro do Pindare do Itaquí / Mappa dos Baptizados Casamentos e Obitos do 1º trimestre / do anno de 1841 / Estes mortos forão Baptizados in articulo mortis ,*

*Missionario Bartholomeo dos Ramos*

Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: *Este Mappahe o ultimo trimestre do anno financeiro, e sendo o 1º dado p' esta Missão, e novas cresçam e / incompleto, que terá principio dia 14 de Mayo de 1841, dia da posse do missionário, todos estes mortos foram / Baptizados, a mor parta in articulo mortis, por serem adultos e ainda em estado de catecamos / Missão de S. Pedro 1º de Julho de 1841 / Missionario Bartholomeo dos Ramos / Missão de S. Pedro do Pindare do Itaquí / Mappa dos Baptizados Casamentos e Obitos do 1º trimestre / do anno de 1841 / Estes mortos forão Baptizados in articulo mortis ,*

*p'aindanão estarem em estado / de serem solenementeBaptizados / Missão de S. Pedro 1º de Outubro de 1841 / O MissionarioBartholomeo dos Ramos*

Na terceira página do documento 1, o Padre Missionário traz um mapa igual ao da segunda página. Ambos relatando sobre casamentos, óbitos e batismos. A diferença é que este último trata do primeiro trimestre de 1841. Sendo a morte somente a de índios, nesse caso 21 mortos, 15 homens e 6 mulheres.

Os indígenas que faziam parte da Colônia de São Pedro do Pindaré, eram ditos como "selvagens". Em vários documentos nós vemos relatos dos missionários, onde exibem descrições minuciosas sobre o comportamento e o modo de vida deles.

Dessa forma, entendemos que o padrão ideal que era imposto condiz com o principal tema abordado por nós neste trabalho, ou seja, a catequese, essa imposição de cultura que obrigava o indígena a viver de acordo com os padrões sociais vigentes.

Em contrapartida, os que não obedeciam às instruções dos clérigos, eram mortos em confrontos, já que eles não se submetiam, ou então eram acometidos por doenças, onde a maioria das vezes não se tinham imunidade suficiente. Até mesmo uma pequena gripe era desconhecida por eles, já que não tinham contato com o vírus e morriam sufocados com a própria secreção. Segundo Teao (2013, p.49):

Nesse período, muito se discutiu sobre a ação de dizimação dos portugueses por meio das guerras, das doenças e dos trabalhos forçados. Nos aldeamentos, os povos eram obrigados a seguir costumes e novos hábitos distintos do seu universo cultural. Eram proibidos de falar seu idioma nativo, não podiam praticar sua antiga religião e destituídos de seus costumes e tradições. A política do aldeamento teve sua condução pelos jesuítas. Dentre suas estratégias de colonização e doutrinação ao cristianismo, destacam-se o aprendizado do Tupi, o ensino de músicas, de cantos, de rezas, de teatro, das festas e das procissões. Os línguas eram os intérpretes indígenas. Os jesuítas ensinavam a leitura e a escrita do evangelho. Nos colégios de meninos, as crianças eram educadas através de música sacra, liturgias, catecismos, gramáticas e vocabulários com o auxílio de intérpretes.

Nos documentos propostos nós investigamos diversas situações que comprovam a subjugação dos povos indígenas. Nesse primeiro documento já vemos que a maioria das mortes ocorridas na Colônia de São Pedro do Pindaré são de indígenas e também o maior apelo ao batismo são para eles.

## Documento 2 – Colônia de São Pedro do Pindaré, 16 de maio de 1843

O seguinte documento contém 2 páginas:

Página 1

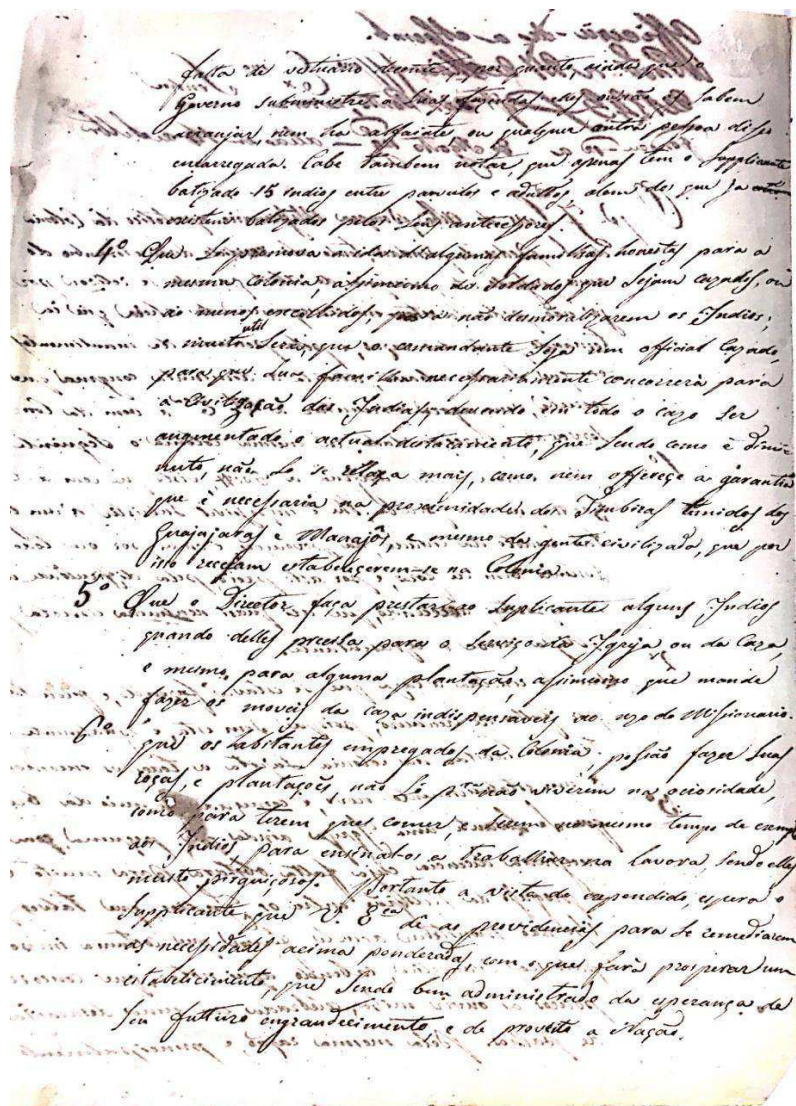
Offereço de a efform b.  
 16 de Maio de 1843  
 O p. Luis de Alba Pompea Missionario apostolico da Colonia  
 de S. Pedro do pindare tendo ali residido desde Novembro do / anno passado  
 ate principio de abril quando se retirou por / ja não poder la estar em consequencia da  
 cheia que ia / tomando parte das cazas, pela penuria de mantimentos / em que se elle  
 achava attenta a diminuta congrua que / percebe sem agora apresentar a  
 V. Ex<sup>a</sup> a bem da com=/servação e prosperidade da mesma colonia o seguinte / que se  
 deve a sua congrua a 800// visto que com a de / 500// que ora percebe lhe é

Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: Ill<sup>mo</sup> Ex<sup>mo</sup> Senhor / O p. Luis de Alba Pompea Missionario apostolico da Colonia / de S. Pedro do pindare tendo ali residido desde Novembro do / anno passado ate principio de abril quando se retirou por / ja não poder la estar em consequencia da cheia que ia / tomando parte das cazas, pela penuria de mantimentos / em que se elle achava attenta a diminuta congrua que / percebe sem agora apresentar a V. Ex<sup>a</sup> a bem da com=/servação e prosperidade da mesma colonia o seguinte / que se deve a sua congrua a 800// visto que com a de / 500// que ora percebe lhe é

impossível subsistir no viúo logar / tão remoto da cidade, das povoações e onde por ora  
 todo o / sustento vem de fora e por alto preço pelas defficultade dos / transportes  
 acrecendo que ali quazinessecita esmola p<sup>a</sup> Missa e cabe o representante. / Que se  
 conclua a caza que se estava fazendo e ficou sustada / por falta de dinheiro, pois que sem  
 esta, é igualmente impra=~~tic~~avel habitar na colonia sujeita a todos os incômodos / d'um  
 estabelecimento novo e comedido meio das brenhas / qual levante uma igreja ainda que  
 pequena com a / necessaria decência cuja falta obstara para muito tempo / o progresso  
 da religião entre os Indios que talvez por / isso não mostrem aquele favor que costuma  
 impor a / palavra evangélica cabendo aqui notar que concorrem / poucos a ouvir missa  
 celebrada em uma desaranjadacaza / de palha pela mesma razão e principalmente por

Página 2



Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: *falta de vestuario decente, por quanto, ainda que o / governo subministre a suas fazendas ellesouverão os sabem / arranjar nem há alfaiate ou qualquer outra pessoa disso / encarregada. Cabe também notar que apenas tem o supplicante / batizado 15 indios entre parvulos e adultos alem dos que já / existembaptizados pelos seus antecessores. / Que se promova a ida d'algumas famillias honestas para a / mesma colonia, assim como de soldados que sejam cazados ou / ao menos escolhidos para não desmoralizarem os indios ; / e muito útil que o comandante seja um officialcazado / para que suas famillias necessariamente concorrera para / a civilização das índias devendo em todo o caso ser / argumentado o actual destacamento, que sendo como é dimi-/nuto não se se relaxa mais como nem offereçe a garantia / que é necessaria na proximidade dos Timbiras tímidos dos / Guajajaras e Macrojês, e mesmo da gente civilizada, que por / isso recessam estabelecerem-se na Colonia. / Que o Diretor faça prestar ao supplicante alguns indios / quando delles presta para o serviço da Igreja ou da caza / e mesmo para alguma plantação assim como que mande / fazer os moveis das cazasindispensaveis ao uzo do Missionário / que os habitantes empregados da coloniapossão fazer suas / roças e plantações não hé p<sup>ra</sup> não viverem na ociosidade / como para terem que comer e serem no mesmo tempo de exemplo / aos indios para ensinal-os a trabalhar na lavoura sendo elles / muito preguiçosos. Portanto a vista do expendido espera o / supplicante que V. E<sup>ca</sup> dê as providencias para se remediarem / as necessidades acima ponderadas com o que fora prosperar em / seu futuro engrandecimento e de proveito a Nação*

No segundo documento exposto, observamos uma descrição bem detalhada de como se encontrava a colônia de São Pedro do Pindaré. Na primeira página, o Padre Missionário relata sobre uma enchente que atingiu a dita colônia. Essa cheia tomou parte das casas e relata ainda que os mantimentos eram poucos, tanto para o Padre e soldados quanto para os índios que moram.

Dentro desse contexto, o Missionário escreve requerendo meios de sustento para o local, onde é situado bem longe da cidade e de outras povoações, além da dificuldade de transportes e falta de recursos para terminarem a casa em que ele pretende morar. O Padre mostra ainda sua indignação quando solicita: *me levante uma igreja com a necessária decência*. Dessa forma ele impõe que só se poderá haver progresso da religião católica entre os índios, se a Colônia de São Pedro do Pindaré for organizada.



Em dado momento da segunda página do documento 2, o Missionário relata ainda que os índios precisam de roupas. Ora, sabemos que as vestimentas dos índios não eram as convencionais, e isso trazia escândalo para quem olhasse. Por essas circunstâncias, Teao (2013, p. 54) relata:

As aldeias foram transformadas em vilas. Os índios passaram a ser governados por juízes e vereadores. A Diocese ficou responsável pela cristianização dos índios e todo o ensino e a comunicação deveriam ser efetuados somente em língua portuguesa. As escolas atuavam como espaço de civilização dos índios, que aprenderiam ofícios domésticos e de subsistência. As famílias indígenas passaram a viverem separadas, em casas próprias. Os índios foram obrigados a se vestirem.

Referente aos trabalhadores existentes na Colônia, o Missionário requer que o Presidente da província do Maranhão envie algumas famílias honestas. Entre os quais se vá também alguns soldados, de preferência casados. Mas qual o motivo da petição ser por soldados casados? O próprio Padre responde: *para não desmoralizarem os índios*.

No final do documento, o Padre Missionário relata sobre a importância das famílias não indígenas de fazerem lavouras para suas subsistências, e essas atividades ficariam também de exemplo para os índios. Dessa forma eles aprenderiam um novo ofício e seriam mais “civilizados”. Ainda nesse contexto, o Padre Missionário diz ser necessário essas atividades, principalmente pelos indígenas serem “preguiçosos”.

Esses estereótipos sobre os povos originários serem “preguiçosos” se permeiam desde o Brasil colonial. Onde os índios eram colocados em trabalho compulsório. Povos totalmente diferentes dos europeus viviam no Brasil, e não tinham o mesmo sistema de produtividade igual ao dos colonos, por isso eram taxados de “preguiçosos”. Lima (2016, p. 222) cita sobre a visão que a maior parte da população tem do indígena:

No que se refere às crenças pessoais e coletivas sobre os índios, notamos uma configuração que mescla a face dos índios como sendo discriminados e excluídos com estereótipos ainda do tempo da colonização: a ideia do índio selvagem. Aparecem também elementos de deslegitimação e exclusão moral, expressos nos traços “preguiçosos”, “aproveitadores”, “inferiores” e “perigosos/violentos”. Para analisar as relações entre morar perto ou longe e a desumanização presente nos estereótipos, compusemos um

indicador de desumanização considerando as seguintes dimensões e os respectivos traços ou características atribuídos aos indígenas: Animalização (selvagens, inferiores, incapazes e sebosos); Deslegitimação (proveitadores, preguiçosos, violentos, feios, perigosos, desorganizados e acomodados); e Exclusão Moral (invasores, arruaceiros, briguentos, arrogantes, gente que não presta, cachaceiros, desorganizados, acomodados, desconfiados, rígidos, destruidores, dominadores e descrentes). As demais características atribuídas foram agrupadas nas categorias “Positivos”(pessoas boas, guerreiros, dispostos, trabalhadores, livres, importantes, inteligentes e unidos) e “Neutros” (necessitados, pobres, marginalizados, ignorados, ingênuos, injustiçados, menor população, etc.

Nesse período, era muito corriqueiro os casos de defloramento dos índios, principalmente das mulheres. Por isso ele solicitava de maneira específica os casados, já que dessa forma era menos provável de haver algum crime ou assédio. Mesmo estando em suas terras, os índios não estavam a salvo das mãos do catolicismo, já que onde havia um expressivo número de indígenas, eles criavam um plano de catequizá-los e posteriormente fundar uma colônia. Sobre os territórios indígenas, Teao (2013, p. 55) nos elucidada:

No império, os índios sofreram grandes perdas territoriais. Os direitos indígenas dependiam dos dirigentes públicos. Os aldeamentos e as sesmarias foram reavaliados. As terras do litoral, muitas vezes foram identificadas como devolutas e passavam ao domínio privado. Muitos índios foram expulsos de suas terras nesse período. As terras demarcadas aos índios remanescentes ampliaram a desestruturação interna, alteraram sua forma de trabalho tradicional e os subjugou ao mercado regional. Os índios viviam como trabalhadores sem-terra e eram considerados caboclos.

Com isso, entendemos também que a Colônia não era só para os índios, mas também para famílias construírem seu lar. E durante décadas, essas terras foram crescendo e formando povoados e logo depois cidades.

Essas regiões acrescidas de população, onde anteriormente era apenas território indígena, foram miscigenadas. E essa mescla de etnias, fizeram com que a população não se importasse com sua identidade cultural primária. Cabendo também aos professores de História lembrarem a população de seu passado.

## Documento 3 – Colônia de São Pedro do Pindaré, julho de 1843

O seguinte documento contém 2 páginas:

## Página 1

Ill<sup>mo</sup> Ex<sup>mo</sup> Senhor  
 No Off. de 13 de Junho do ano  
 Tendo eu sahido desta cidade com muito meu desgosto e quasi  
 por força por não ter podido alcançar nada de quanto pedi  
 a V. Ex<sup>a</sup>. Eu continuei não obstant a viagem sempre com esperanças  
 que V. Ex<sup>a</sup> não havia de deixar inúteis os meus rogos.  
 Cheguei em caza do Director desta Colonia p<sup>a</sup> saber se elle tinha  
 recebido alguma ordem para accabar a caza mais nada a esse  
 respeito de agora elle recebeu. Cheguei enfim nesta Colonia aos  
 20 do mes de Junho, e achei-a quasi inteiramente abandonada  
 de Indios, que parte della fugiram e parte foram p<sup>a</sup> fugir al-  
 tamente a caza mais que se avia, ficando esta parada e não se  
 podendo mais fazer nada. Toda a gente de Indios que se estava  
 trabalhando aqui, e não foi preciso comprar a caza e 10  
 de tres parcos, e desde o tempo que se principiou que podia estar  
 acabada o pouco tempo. Mandarão-se os Carapinas a trabalhar  
 mas não mandarão huma pessoa de Curricaria para vigiar. Entommas  
 esta colonia está presentemente em um deslize universal em que  
 se tem posto e falta d um bom Administrador, que devesse Director  
 que a não ser de outro permanecesse na Colonia com sua  
 caza distante della alguns dias de viagem e por isso imposs-  
 sibilizado de providenciar sobre as necessidades mais urgentes,  
 como de Administradores de maneira que por meus convenientes

Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: Ill<sup>mo</sup> Ex<sup>mo</sup> Senhor / Tendo eu sahido desta cidade com muito meu  
 desgosto e quase / por força por não ter podido alcançar nada de quanto pedi / a V. Ex<sup>a</sup>  
 continuei não obstante a viagem sempre com esperanças / que V. Ex<sup>a</sup> não havia de deixar  
 inúteis os meus rogos. / Cheguei em caza do Director desta Colonia p<sup>a</sup> saber se elle tinha /  
 recebido alguma ordem para accabar a caza mais nada a esse / respeito ate agora  
 ellerecebeo cheguei enfim nesta Colonia aos / 20 do mes de Junho, e achei-a

*quasi inteiramente abandonada / de Indios, que partes delles fugirão e partes furão p<sup>a</sup> suas al-/deias a caza nova que estava si fazendo está parada e não he /verdade que esteja coberta de telhas já nella se gastarão / novecentos mil reis , e não está ainda no meio, a maderá toda se / achou no lugar perto e não foi preciso comprar-a, a caza é 10 / de tres quartos e desde o tempo que se principiou já podia estar / acabada a muito tempo Mandarão-se os carapinas a trabalhar / mas não mandarão huma pessoa de consciencia para vigial-os, Ensomma / esta colonia esta presentemente em um desleixo miseravel em que / a tem posto a falta d'um bom administrador e de um bom diretor / que a mim ver devendo permanecer na Colonia existe em sua / caza distante della alguns dois dias de Viagem e por isso impôs-/sibilitado de providenciar sobre as necessidades mais urgentes / como de administrála de maneira que for mais conveniente*

Em tom de indignação, o Padre Missionário traz seu parecer quanto as condições na colônia. Em certo trecho ele enfatiza que está saindo de seu cargo por conta da não execução dos requerimentos solicitados anteriormente ao Presidente da Província. A Colônia de São Pedro do Pindaré encontra-se abandonada, de acordo com o documento. Cita ainda que o Diretor mora longe e nem dá assistência a necessária.

Tendo assim continuado em suas aclamações, entendemos que a devida colônia precisava de uma grande rede de assistência, tanto material quanto pessoal. Material por conta das necessidades básicas, tais como alimentos, mantimentos para casas, materiais de construção e vestimentas. Pessoal por motivos humanitários, a colônia precisa de uma administração ativa e permanente, onde o Diretor, o Padre missionário e toda sua diretoria precisam trabalhar em conjunto para o bom andamento da mesma.

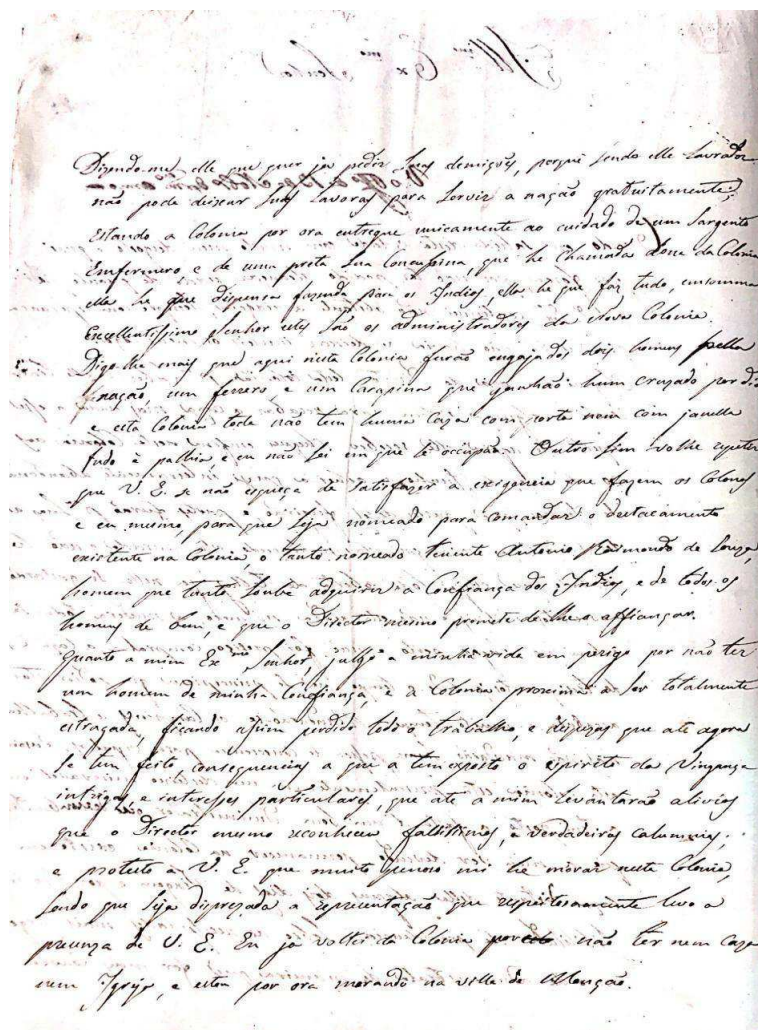
Quanto ele destaca que “parte dos índios voltarão para suas aldeias”, é de se entender que os indígenas não ficavam ali somente por obrigação, mas também por conveniência. A colônia arcava com os gastos de alimentação e moradia, quando não eram assistidos e/ou descredibilizados por parte das autoridades locais, o mais comum era que eles se dissociassem. Procurando assim outro local em que fossem beneficiados. Em relação a esses benefícios, Henrique (2017, p. 198) nos diz:

definidos pelas autoridades da província como instrumentos de atração dos índios à civilização, em muitas situações é possível identificar como determinados povos indígenas faziam leitura desses brindes em seus próprios termos,

apropriando-se dos presentes que lhes eram dados sem, no entanto, abandonar seus costumes tradicionais. [...] Sabiam os presidentes da província o quanto seria difícil convencer os índios a abrir mão da vida independente que tinham em troca da vida sedentária nos aldeamentos, com trabalho regular e diário, obedecendo a autoridades por eles desconhecidas.

Os projetos missionários não eram organizados erroneamente, eles tinham um objetivo sério. Os indígenas não eram apenas objetos de catequese, civilização e salvamento, o governo queria sua força, até por quê a sua mão de obra era essencial para o crescimento da sociedade. Não apenas isso, mas principalmente para a aquisição de terras para lavouras. Como seria possível lavrar grandes quantidades de terras para plantios de diversas culturas? A resposta já foi dada, criando colônias, catequisando e civilizando os indígenas.

## Página 2



Transcrição: *Dizendo-me elle que quer já pedir suas demições porque sendo ele lavrador / não pode deixar suas lavoras para servir a nação gratuitamente / Estando a Colonia por ora entregue unicamente ao cuidado de um sargento / enfermero e de uma preta sua carapina, que he chamada de dona da Colonia / Ella he quem dispensa fazenda para os indios, Ella he que faz tudo, emsomma / excellentissimo senhor estes são os administradores da Nova Colonia. / Digo-lhe mais que aqui nesta Coloniaforão engajados dois homens pella / nação, um ferrero, e um carapina que ganhão um cruzado por dia / e esta colonia toda não tem humacaza com porta nem com janella / tudo a palha e eu não sei em que se occupão. Outro fim volhe repetir / que V.E se não esqueça de satisfazer a exigencia que fazem os colonos / e eu mesmo, para que seja nomeado para comandar o destacamento / existente na colonia o tanto nomeado tenente Antonio Raimundo de Souza / homem que tanto soube adquirir a Confiança dos Indios e de todos os / homens de bem e que o Diretor mesmo promete de lhe o affiançar / quanto a mim Ex<sup>mo</sup> Senhor, julgo a minha vida em perigo por não ter / um homem de minha confiança e a coloniaproxima a ser totalmente / estragada ficando assim perdido todo o trabalho, e despezas que ate agora / se tem feito consequencias a que a tem exposto o espirito da Vingança / intrigas e interesses particulares que ate a mim levantarão alivios / que o Diretor mesmo reconheceofalsissimas a verdadeiras calunnias / e protesto a V. E. que muito penoso mi he morar nesta colonia / sendo que seja desprezada a reprezentação que respeitosa mente levo a / prezença de V. E. eu ja voltei da Colonia por não ter nem caaza / nem Igreja e estar por ora morando na Villa de Monção.*

O trabalho na colônia não é fácil. Ela se assemelha a administração de uma vila pequena, tendo suas casas, diversas pessoas, trabalhos, trabalhadores em diversas áreas e também o poder local que entende de toda essa arquitetura. Assim o projeto colonizador intensificou seu processo de exploração colonial, mas de acordo com o Missionário a colônia não vai pra frente por já está abandonada, somente aos cuidados de um sargento enfermeiro e uma preta carpinteira, os quais estão chefiando nesse devido momento.

Dessa forma, entende-se que não é possível ter um atrativo para segurar os indígena naquele local, sem brindes e apoio, isso se torna um trabalho desnecessário. Henrique (2017, p. 198) relata sobre os brindes:

dessa forma, o projeto de catequese e civilização dos índios, tal como projetado pela política imperial, dependia amplamente de recursos financeiros que viabilizassem a oferta permanente de brindes e que nunca chegaram a ser satisfatórios, dada a extensão do território e a grande quantidade de indígenas a serem atraídos. Os brindes eram necessários não apenas para atraí-los, eis que deveriam continuar sendo ofertados mesmo depois de constituído o aldeamento, visivelmente para manter os índios satisfeitos e dispostos a continuar submetidos ao missionário ou ao diretor parcial.

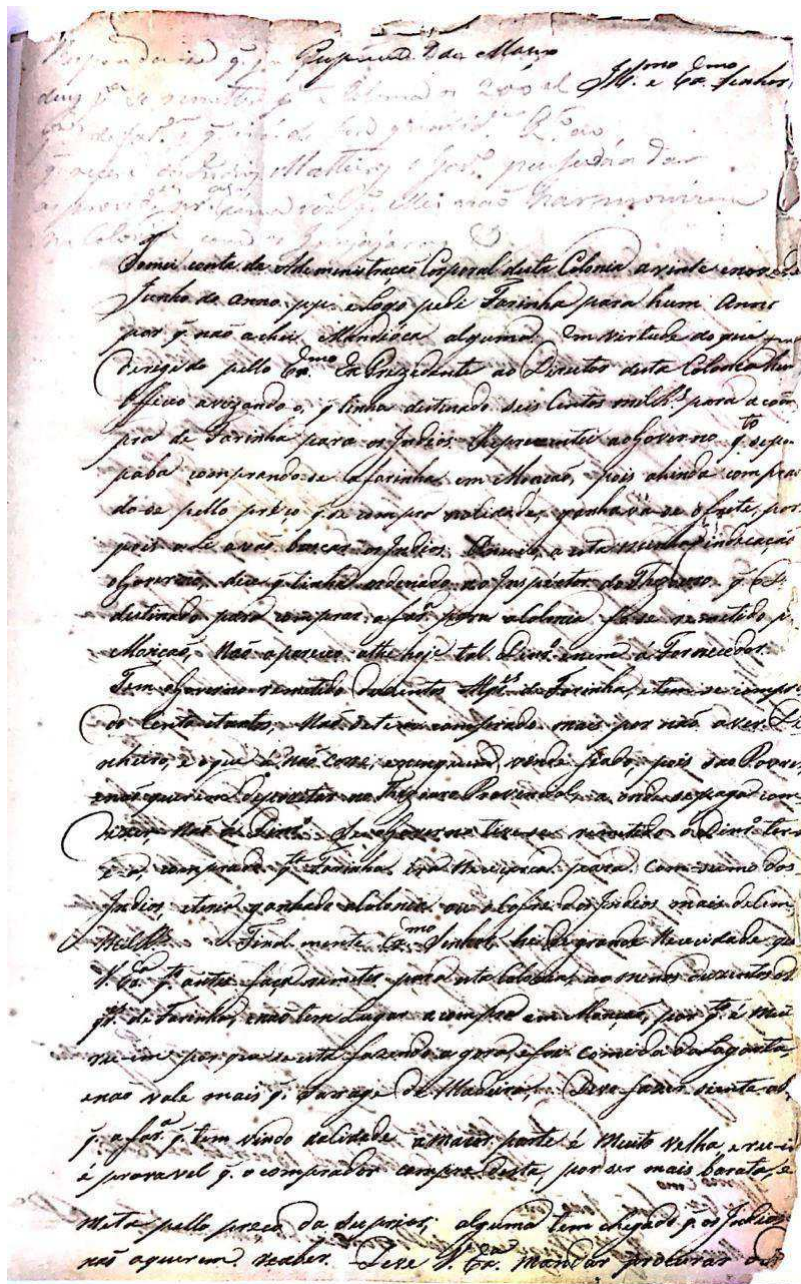
Há um filme brasileiro de 2013, intitulado de *Uma História de AMOR e FÚRIA*, da direção de Luiz Bolognesi, que trabalha a história indígena brasileira. É uma ilustração dramática que traz questões sociais relevantes para o presente trabalho. Dentro do contexto, o ator principal JC, narrado por Selton Mello, questiona o cacique Piatã por se envolver com os franceses e lutar as guerras deles, tudo por conta das regalias proporcionada pelos franceses aos indígenas tupinambás.

Com isso, vemos as diversas atitudes e desventuras dos líderes indígenas ao se aproximarem dos povos europeus. Os presentes (comumente chamado de brindes) eram dados, mas também era preciso algo em troca, a fidelidade e obediência dos povos nativos. O ator principal do filme nos primeiros dois minutos solta uma frase reflexiva: *viver sem conhecer o passado é andar no escuro*. Por isso precisamos conhecer a história de nossos antepassados, para entendermos o presente e melhorar nosso futuro.

Documento 4 – Colônia de São Pedro do Pindaré, 13 de fevereiro de 1846

O seguinte documento contém 2 páginas:

Página 1



Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: Tomei conta da adiministração Corporal desta Colonia a vinte e nove de / Junho do anno PP e logo pedi farinha para humanno / por q' não achei Mandioca alguma em virtude do que foi / dirigido pello Exmo ExPrezidente ao Diretor desta colonia hem / officio avizando-o q' tinha destinado seis centos mil R\$ para a com-



*/pra de farinha para os indiosReprezentei ao Governo q<sup>to</sup> se a-/caba comprando-se a farinha em Monção pois ahinda compram-/do-sepello preço q´ se compra na cidade a esta minha indicação / o Governo dice q´ tinha ordenado ao Inspector do Thezouro q´ seja / destinado para comprar a far<sup>a</sup> para a colonia fase remetido para / Monção não pareceoathé hoje tal Dinr<sup>o</sup> nem á fornecedor / tem o governo remetido dusentosalqr<sup>es</sup> de farinha e tem-se compra-/do cento e tantos; não setem comprado mais por não aver Di-/nheiro e o que á não come e nem quem vende fiado pois são pobres / e não querem depósitos no Thezouro Provincial a onde se paga com / dixer não com Dinr<sup>o</sup> se o Governo tivesse remetido o Dinr<sup>o</sup>ter-/fi-a comprado q<sup>ta</sup> farinha era neççaria para com sumo dos / Indios e teria ganhado a colonia ou o cofre dos indios mais de cem / mil R<sup>s</sup>. Final mente Ex.<sup>mo</sup> Senhor he de grande nesecidade que / V. Ex<sup>a</sup> q<sup>to</sup> antes faça remeter para esta colonia ao menos duzentos AL-/qr<sup>es</sup> de Farinha e não tem lugar a compra em Monção por q<sup>to</sup> é muito / ruim por passa esta fazenda agora e foi comida da lagarta / e não vale mais q´ serrage de madera Deve fazer siente ao / q´a far<sup>a</sup> q´ tem vindo da cidade a maior parte é muito velha e ruim / é provavelq´o comprador compre desta por ser mais barata e / preta pello preço da superior; alguma tem chegado p´ os Indios / não a querem receber. Deve V. Ex<sup>a</sup>. mandar procurar o*

A leitura paleográfica necessita ser bem minuciosa, uma palavra errada pode mudar todo o contexto de uma história. Dessa maneira, os documentos foram redigidos e lidos várias vezes para que o leitor usufrua de um conteúdo mais alcançável.

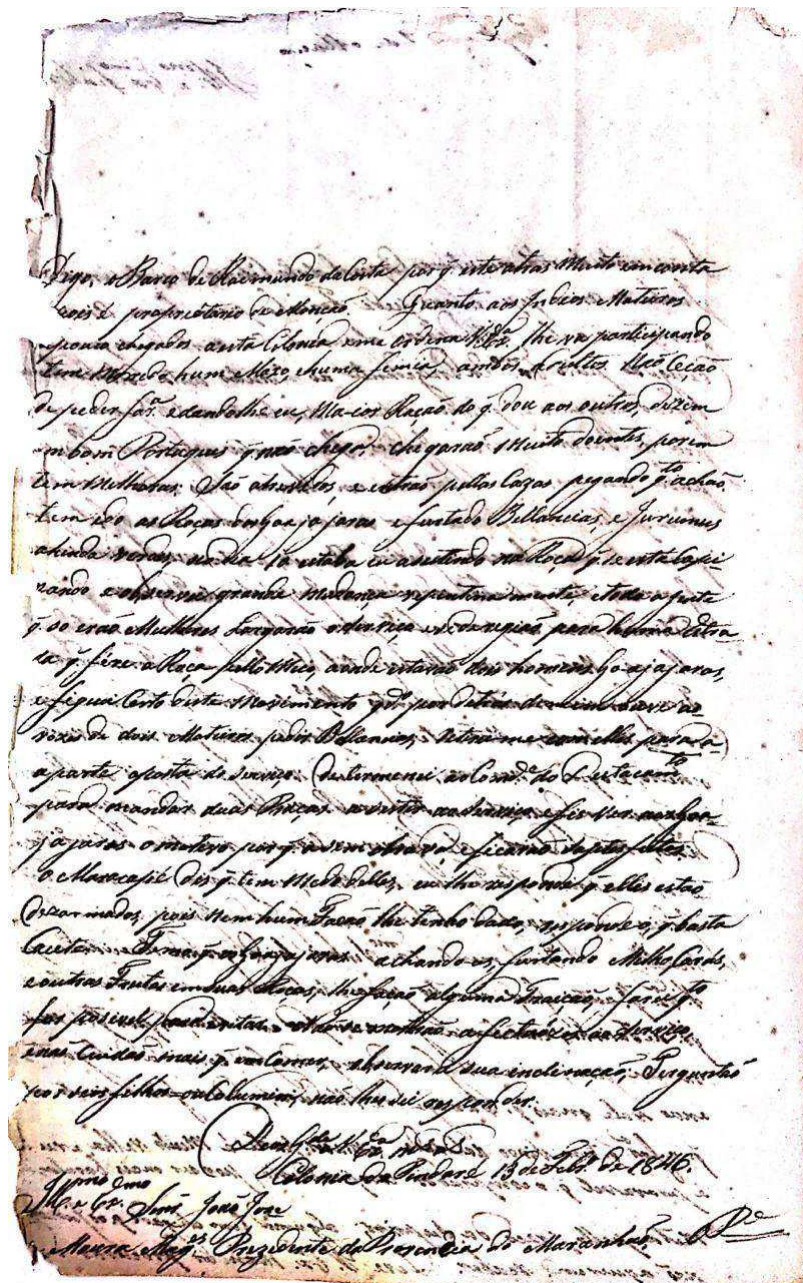
Em suma, percebemos que neste documento o Missionário toma de vez a administração da colônia, como vimos anteriormente o Diretor não se importava com o lugar. Por isso ele preferiu se colocar a inteira disposição da colônia. Vemos que o tratamento dos povos indígenas não é nada especial.

Eles cumprem obrigações eclesiásticas e governamentais, não se importando com questões culturais ou sociais das diferentes etnias indígenas, que para eles eram todos índios, sem diferença étnica. Em assimilação a isso, Baniwa (2006, p. 34) diz:

Dessa visão limitada e discriminatória, que pautou a relação entre índios e brancos no Brasil desde 1500, resultou uma série de ambiguidades e contradições ainda hoje presentes no imaginário da sociedade brasileira e dos próprios povos indígenas. A sociedade brasileira majoritária, permeada pela visão evolucionista da história e das culturas, continua considerando os povos indígenas como culturas em estágios inferiores, cuja única perspectiva é a integração e a

assimilação à cultura global. Os povos indígenas, com forte sentimento de inferioridade, enfrentam duplo desafio: lutar pela autoafirmação identitária e pela conquista de direitos e de cidadania nacional e global.

Página 2



Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: Digo o Barco de Raimundo da Costa porq' este atrás muito em conta / pois é proprietário de Monção. Quanto aos Indios Mateiros (?) chegados a esta colonia e me ordena VEx<sup>a</sup> lhe va participando / tem nome de hummaxoehuma fêmea,

*ambos adultos não ceção / de pedir far<sup>a</sup>. e dando lhe eu, maior Ração do q' dou aos outros, dizem em bom Portugues q' não chega, chegarão muito doentes, porém / tem mulheres, são atrevidos e estão pellascazas pegando q<sup>lo</sup>achão / tem ido as Roças dos Guajajaras e furtado Bellancias e Jurumus / ahinda verdes, no dia 10 estava eu assistindo na Roça q' seestacafei-/zando e observa grande modança repentinamente e toda a gente / q' so erão mulheres largarão o serviço e se dirigião para huma estra-/da q' fére a Roça pello meio, aonde estavam dois homens Goajajaras / e fique certo deste movimento q<sup>do</sup> por detrás de mim ouve as / vozes de dois mateiros pedir bellancias; retirei-me com elles para a / a parte opostas de serviço: determinei ao Comd<sup>e</sup> do Destacam<sup>to</sup> / para mandar duas roças a vestir ao serviço e fiz ver aos Goa-/jajaras o motivo por q' a sim obrava e ficarão saptisfeitos / o Maracapé diz q' tem medo delles, eu lhe respondi q' elles estão / dezarmados, pois nenhum facão lhe tenho dado, responde-o q' basta / Cacete, Temo q' os Goajajaras achando-os furtando Milho, Corás / e outras frutas em suas roças lhe facão alguma traição farei q<sup>lo</sup> /for possível por direitos não se matarão affectará ao serviço/ e não cuidam mais q' em comer, observar sua indicação; Perguntão / por seos filhos = ou Columim, não lhes sei responder. / Deos G<sup>de</sup>aV.Ex<sup>a</sup>M<sup>s</sup> as / Colonia do Pindaré 13 de Fevr<sup>o</sup> de 1846 / Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup>Senr' João Jose / Moura Maq<sup>es</sup>Prezidente da Provincia do Maranhão*

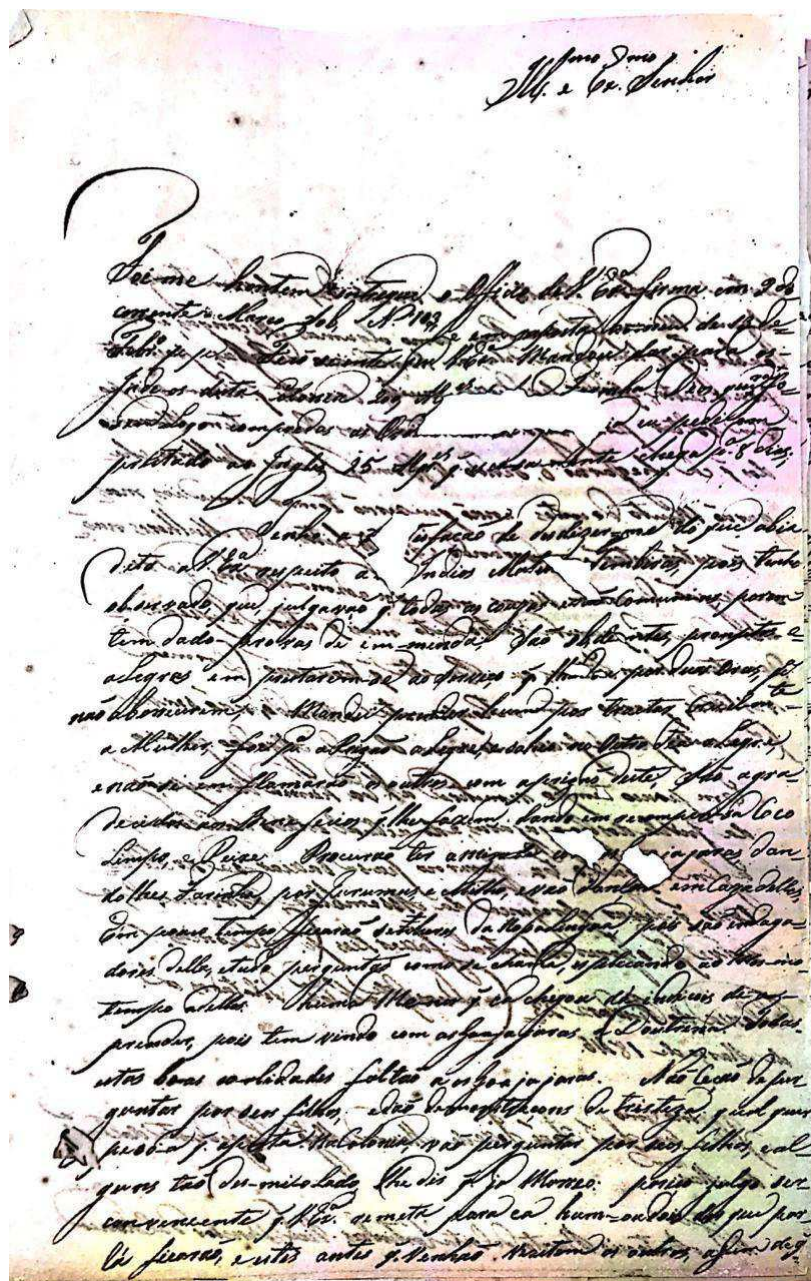
Essa segunda página o Missionário relata sobre um casal de indígenas Mateiros, os quais não param de desafiar sua autoridade, saqueando roçados e casas de outros indígenas. Onde mesmo se dando farinha e mantimentos eles pegam e pedem ainda mais. Mesmo com esse relato, o Padre nos mostra mais questões pertinentes em sua carta. Tais como divergências entre os outros indígenas onde ele cita sobre o furto de milhos e o medo de serem mortos pelos mais "selvagens".

Outro fator interessante ele cita no fim do documento, onde relata sobre indígenas que perguntam sobre seus filhos. Em alguns ofícios no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), nos é mostrado que índios menores eram enviados para a capital da Província, onde eles eram colocados para trabalhar. Os menores eram mais fáceis de ensinar o modo de vida da metrópole.

Documento 5 – Colônia de São Pedro do Pindaré, 23 de março de 1846

O seguinte documento contém 2 páginas ao qual será trabalhado somente a primeira:

Página 1



Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Senhor / Foi-me hontemintregue o officio de V. Ex<sup>a</sup> firma em 3 do / corrente março sob N103 e em resposta ao seu de 13 de / Fev<sup>o</sup> p p Fico siente que vex<sup>a</sup> mandou dar para os / Indios desta colonia 200 alq<sup>es</sup> de farinha que Fo-

*/sem logo compradas as Ordens (?) eu pedi em-/prestado ao ingles 25 alqr<sup>es</sup> q' escassamente chega p<sup>a</sup> 8 dias / Tenho a saptisfação de desdizer-me do que abia / dito a VExc<sup>a</sup> respeito aos indios Mateiros e Timbiras pois tenho / observado que julgarão q' todas as couzas e não communs parem / tem dado provas de im-menda; São obidientes, prontos e alegres e / alegres em prestarem ao serviço q' lhes deu por duas horas p<sup>a</sup> / não aborrecerem, mandei prender hum por tractar cruelmente / a mulher faz p<sup>a</sup> a Razão alegre a sahir no outro dia alegre / e não si emflamarão os outros com a prizão deste, são agra-/decidos aos Beneficios q' lhe fazem dando em recompensa Coco / limpo e Peixe. Procurão ter amizade com os Goajajaras Dan-/dolhes Farinha, por Jurumus , e milho e vão dançar em cazadelles / em pouco tempo ficarão se falares da nossa língua pois são indaga-/dores della e tudo perguntam como se chama esplicando ao mesmo / tempo o delles. Huma menor que cá chegou da indicios de os / prender pois tem vindo com os Goajajaras a Doutrina todas / estas boas coalidades falta aos Goajajaras. Não ceção de per-/guntar por seos filhos e dão demonstrações de tristeza qual quer / pessoa q' asista na colonia vão perguntar por seos filhos e Al-/guas tão desmiolado lhe dis q' já morreo: porção julgo ser / conveniente q' VExc<sup>a</sup> remeta para cahum ou dois dos que por / la ficarão e estes antes q' venhão visitem os outros afim de q'*

Pela transcrição, vemos que boa parte das petições do Padre Missionário, foram atendidas pelo presidente da Província. Alqueires de farinha foram entregues a colônia, com o intuito de preservar a paz com os índios. Dessa forma a diretoria da colônia poderia estar bem mais articulada em tratar os índios, principalmente no que se refere a catequese. Algo que será bem mais fácil de realizar.

Os materiais enviados ao local vão fazer com que o projeto colonizador siga seu rumo. Com as ferramentas certas em mãos, o diretor da colônia juntamente com o Padre Missionário, realizarão as tarefas incumbidas a eles. Relata ainda sobre a boa convivência dos índios das etnias mateira e timbiras. Onde os mesmos são alegres, obedientes e prontos para o trabalho, caso passe de duas horas de trabalho eles se aborrecem. Para evitar maiores contradições, o padre missionário relata ainda que esse horário é o ideal.

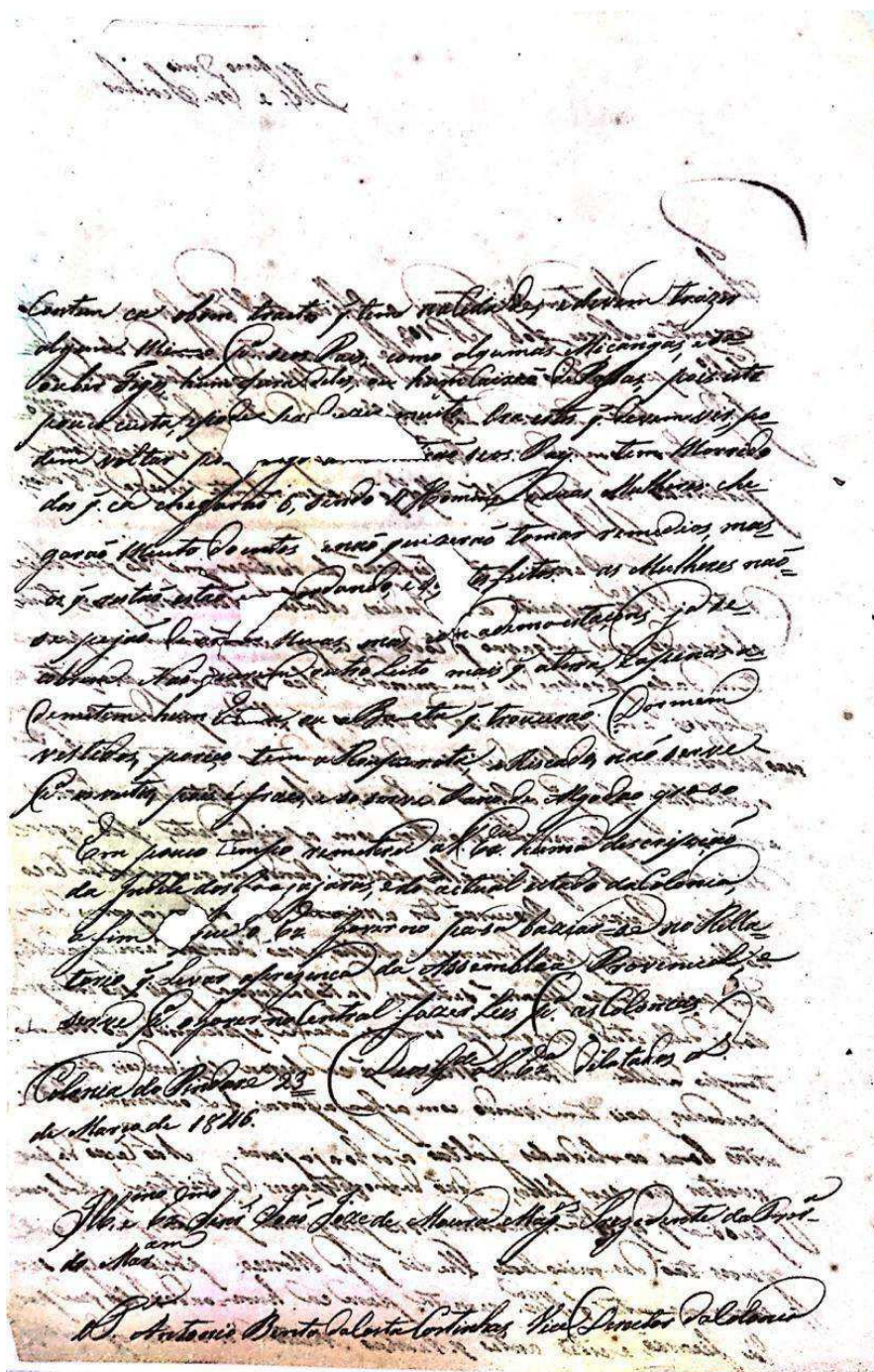
Como processo de lidar com pessoas não é fácil, percebemos essas características nos escritos do missionário. Com seu papel e tinta, ele escreveu várias divergências que são relevantes para entendermos melhor o processo de socialização

dentro da colônia, houve divergências entre ele e os indígenas; entre indígenas de etnias diferentes; entre o próprio padre e o diretor da colônia e não obstante disso, houve um relato bem especial. O padre relata neste documento ato de violência contra a mulher. Onde um índio bateu em sua esposa e o mesmo foi preso por conta disso, não foi tolerado. Dessa forma, achou que os outros índios pudessem ficar bravos ou desconfiados pela atitude de prender um deles, mas pelo contrário, eles ficaram felizes pela prisão do índio que espancou sua esposa.

**Documento 6** – Colônia de São Pedro do Pindaré, 26 de outubro de 1846

O seguinte documento contém 1 página:

Página 1



Transcrição: *Ill<sup>mo</sup> Senr' / Tendo eu chegado hontem do Cajari da Fazenda / do Sirurgião Manoel Lopes de Magalhães, para / onde tinha eu ido tractar de minha mollestia; / tenho a dizer a V. M. que poucas melhoras alcancei / e vim para entregar-lhe por inventario com for-/me recebi todos os moveis da Colonia do Pindare / visto que o meu estado de saude não permite com-/tinuar a exercer o imprego de Vice Director, afim de / que V. M. deia as providencias nesseçarias para que / não sofrão os índios algum perjuizo – ou falta de / coasquerobjecto por cauza da minha mollestia ou / auzencia. Eu recahi de algumas milhorias que obti-/ve por cauza da grande chuva que apanhei hontem / o que foi vizivel quando entrei nem a povoação a prova / de tanto na inchação de meos Pés a tal recaída vou / amanhã para a colonia tão-somente exercer o im-/prego de missionario vou fazer uso de remediosathé / athe destruir a inflamação do Figado que me dice o si-/rurgiãoahinda não o estar. Haja V. M. por tanto / levar ao conhecimento de sua Excelencia o motivo / por que não po-so continuar no cargo de vice Director da-/quela Colonia a fim de que o mes-moEx<sup>mo</sup> Senhor fi-/que certo de que não é de acinte que deixa de contino-/ar no exercicio do imprego para o qual fui por de / nomeado Deos guarde a V. Mec as*

Todas as colônias que se tem ideia, foram presididas por um diretor, vice diretor, cirurgião (responsável pela enfermaria), chefe de obras, soldados, o Padre Missionário entre outros diversos cargos. Em relação com a documentação exposta neste presente trabalho, acompanhamos todos esses cargos em ação dentro da colônia.

O Padre Missionário da Colônia de São Pedro do Pindaré, exercia tanto o cargo que lhe foi concedido, o de missionário, quanto o de vice diretor da Colônia. Por essas questões apresentadas, ele expõe suas indagações quanto a isso. Segue dizendo estar doente e que não pode exercer seus cargos. Preza pelos Índios e solicita que os mesmos não sejam prejudicados por sua saúde.

Por mais que o missionário achasse que sua ação dentro da colônia fosse a certa, sabemos por meio da história que as interdições da metrópole no convívio dos indígenas foram o principal motivo de sua aculturação. A catequese, sendo o ponto alto da destruição cultural de várias etnias indígenas, não só no Maranhão, mas em todo território nacional.





Transcrição: *Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Senr' / O Padre Antonio Bento da Costa Cortinhas Vigario da Missão de S. / Pedro do Pindaré<sup>leva</sup> com respeito e submissão á respeitável pre-/sença da V.Ex<sup>a</sup> a seguinte narração: Ordenado em Presbitero com / a M<sup>a</sup> de hum Cidadão natural de Alcantara fui Parochiar a freg<sup>a</sup> / de Monção a onde a chei o Velhas que no lugar de repartirem / sua Lus como Parocho era percizo o Parocho repartir com ellas / parte de seu Ordenado: tendo Pastorado este Rebanho a annos / fui substituído por hum Parocho calado não tardou que 3 Se-/nhores Deputados Provinciais, me falassem para vir p<sup>a</sup> esta Colo-/nia ao que respondi que não vinha, e so vinha se acembleia / desse o Ordenado de seis Centos MilR a sim me prometerão e / que podia já vir e contar com a dita congrua, pois hião então / para a Cembleiaforão e eu vim para a colonia e atheopre-/sente não ouve tal congrua. Fui ao depois nomiado Vice Di-/retor da Colonia, era esta como se não fora então seria tirar / a tempo a V. Exrellator ricos trabalhos e risco de minha vida q tive / para estabelecer huma ordem e ordenna ao Governo qualpr-/rim o pagamento falsas acusaçons (?) ao governo / e este inteirado de meos feitos, não recuzou por dois officios hum / Deregido ao Director e outro a mim de reprehender-meexopaga / que eu tive de trabalhar braçal-mente com os indios ainda Brentos / sem lingua q´ estava nas aldeias ea não os intendia nem elles a mim / sem obtencia sem custume ao trabalho. Eu lhes falava com a foice / no mato e machado no pao ao vigor do sol, a chuva de dia na / Roça, de noite No rio pescando para darlhes de comer, de que al-/canceihuma moléstia q´ahinda hoje me persegue, fui argu-/ido de nada ter feito na Colonia, já eu tinha por duas vezes*



*caracterpellorelatorio q' depois se fes por ordem / de V Ex e do Diretor Geral pedi seis  
centos MilR de Congrua / porque sabia que a qui não á rendimento algum de estalla /  
como tem os mais Parochos pois tudo é grátis, tem o vigário / da colonia de hospedar  
todas as pessoas que a ella bem tende / da comer em suas mezerias os soldados e suas  
camaradas pois / em hum deserto como este não achão onde comprem nem / quem lhe  
deia tem de afagar com davitas os filhos dos indios / afim de os chamar a Doutrina e  
mesmo aos pais. Todo o espanto / tenho levado ao conhecimento do governo e mesmo  
aCembleia / em humrellatorio q' remete o anno p p . Sempre falei com / franqueza ao  
governo e pura verdade muda-se o governo / Eu sou pobre e não tenho outros meios de  
sobzistencia / mais q' o ordenado o qual não me pagam a anno e meio / empreguei centro  
e trinta MilR que tinha de fundos em / mão de meu Procurador Raimundo Carlos Ribeiro  
nessa Ci-/dade com a compra de farinha p<sup>a</sup> a Colonia pois q<sup>do</sup> tomei / po-se de  
VocíDirector nada achei e verá vExq<sup>to</sup> dispêndio,*

o Thezouro Provincial, e dentro em humano, eu principiei / a vender  
 por conta dos indios Farinha, Arros e azeite e tem / muita farinha ou mandioca p<sup>a</sup> vender  
 e venderia m<sup>to</sup> mais se / o governo então presta-se os utencilios q' lhe pedi. Avista do Ex-  
 /pendido espero que compadecido de minha pobreza mandará / que se me pague prompta-  
 mente, não so, o ordenado (?) / e de que se apresentão a Sertados já com a pague-se nos  
 também / os cento e tantos MilReis q. dei p<sup>a</sup> a compra de Farinha p<sup>a</sup> os indios / q' também  
 se mandou pagar para pagamento desta q<sup>ta</sup> recebo / o finado

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> seu pai. etc.  
 Colonia do Penedes 30 de Abril de 1817

J. J. de S. S.  
 Joaquim Franca de S.  
 Provedor do Penedes

D. Antonio Bento de Castro e Silva, Regente do Penedes

Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão / Secretaria de Governo

Transcrição: o Thezouro Provincial, e dentro em humano, eu principiei / a vender  
 por conta dos indios Farinha, Arros e azeite e tem / muita farinha ou mandioca p<sup>a</sup> vender  
 e venderia m<sup>to</sup> mais se / o governo então presta-se os utencilios q' lhe pedi. Avista do Ex-  
 /pendido espero que compadecido de minha pobreza mandará / que se me pague prompta-  
 mente, não so, o ordenado (?) / e de que se apresentão a Sertados já com a pague-se nos  
 também / os cento e tantos MilReis q. dei p<sup>a</sup> a compra de Farinha p<sup>a</sup> os indios / q' também  
 se mandou pagar para pagamento desta q<sup>ta</sup> recebo / o finado

*inspector do Thezouro Duzentos MilR e o restante era / p<sup>a</sup>se aplicar no Hospital da Colonia cuja quantia não (?) / e julgo intraria para o Thezouro Contando o governo e aCembleia / que me despedirei da Colonia não me dando o ordenado que / indiquei no meu Rellatorio q' já indiquei / Deos Goarde a V. Ex<sup>a</sup> por m<sup>s</sup> as / Colonia do Pindaré 30 de Abril de 1847 / Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Senr' / Joaquim Franco de Sá / Prezidente do Maranhão / oP<sup>e</sup> Antonio Bento da Costa Cortinhas Vigario Missionario da / Missão do Pindaré*

O último documento que iremos trabalhar será a análise das últimas correspondências que o Padre missionário enviou ao Presidente da Província. No APEM não possui mais registros de conversas entre os missionários que vieram após o ano de 1847. Todos os ofícios foram analisados e destacados neste presente trabalho. Em contrapartida, temos dezenas de correspondências entre o Diretor da Colônia e o Presidente da Província do Maranhão.

Este ofício trata praticamente dos mesmos problemas informados pelo primeiro Padre, a qual já foi exposto neste trabalho. Em resumo, o missionário está indignado pela má gestão que não abarca as necessidades do local. O Padre aceitou o emprego por conta de uma assembleia que lhe havia prometido pagar um valor alto pelos seus serviços, algo que não foi concretizado. Relata mais que faz trabalho braçal, ensinando os índios com ferramentas e tentado suprir as necessidades da colônia com o seu suor.

Para comprovar sua antipatia pelo emprego, na terceira página deste último documento ele cita: *eu lhes falava com a foice no mato e machado, desde a manhã até o vigor do sol, da chuva de dia na roça até o anoitecer pescando para dar-lhes de comer.* Ele relaciona essas questões com a falta de sabedoria dos índios em não ter aprendido a língua portuguesa. Onde o mesmo precisa demonstrar o trabalho para os índios poderem repetir o processo.

Pela leitura da documentação contida no acervo do Arquivo, os mais conservados foram expostos no presente trabalho. A Colônia de São Pedro do Pindaré foi uma das maiores do Estado do Maranhão. Principalmente por conta do seu trabalho em acalmar os índios que viviam as margens do rio Pindaré, para assim facilitar a navegação. Dessa forma, entendemos que o estudo inicial não era para valorizar os indígenas, muito menos cuidar deles por livre e espontânea vontade, mas principalmente por interesses nas terras do interior do Estado.

O trabalho dos Padres Missionários foi de extrema importância para a realização de tais atos dentro do interior do Estado. Sendo assim, a invisibilidade do indígena e a falta de valorização de suas culturas, foram e são subestimadas até os dias de hoje.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter conhecimento da história indígena é de extrema importância por motivos variados. Em primeiro lugar, estudar a história indígena nos permite reconhecer e dar valor a cultura e tradições desses povos. Assim como entender que temos o dever de estudar e ensinar a história como ela realmente é, sem demagogias e eufemismos.

Além do conhecimento pluricultural, que apropriamos através do estudo, também há a desconstrução dos estereótipos entronizados na sociedade desde séculos passados. Quando os povos originários são colocados como “preguiçosos”, “marginalizados”, “proveitadores”, entre outras classificações.

Através dos documentos expostos, nos preocupamos em analisar minuciosamente o sentido do porquê hoje em dia os indígenas são tratados de tal maneira. E quando colocamos em evidência, vemos que os nativos eram obrigados a trabalhar sem nenhuma remuneração. Povos que faziam sua jornada de trabalho e que não trabalhavam para acumular riquezas, que a partir das entradas foram compulsoriamente recolocados em uma função não vista anteriormente por eles.

Com isso, há uma dualidade na visão de quem estuda a história indígena e quem não estuda. Quem tem uma noção básica, entende que os indígenas foram obrigados a sair de suas terras para seguirem um modo de vida totalmente diferente do que estavam habituados, quando negavam o trabalho que lhes era imposto eles foram taxados de preguiçosos. E quando se revoltavam por conta da imposição de trabalhos compulsórios, eram relacionados como selvagens e bravos.

Os povos resistiam a catequese por diversos motivos. Um deles se configura no processo da deslegitimação da cultura e tradições dos mesmos, onde eram desrespeitados e frequentemente desmoralizados. O que levava muitos a resistir a grande ferramenta de controle, a catequese, com isso lutavam em defesa de sua autonomia e identidade cultural.

As pesquisas em torno da história indígena ainda são mínimas. Povos que fizeram a fazem parte da história do Brasil que nunca foram mencionados precisam ser estudados. Documentos do Arquivo Público do Estado do Maranhão que tratam de colônias indígenas estão sendo deteriorados, o tempo não protege a história se ela não for bem cuidada. O uso desses documentos pelas universidades e a preservação por parte do governo é essencial. Mas o abandono prevalece.

O Maranhão tem uma história muito rica em detalhes. A grande questão é que poucos se importam com aquilo que tem nas entrelinhas. Há uma vasta documentação a ser explorada, milhares de folhas se perdendo no tempo com histórias únicas que estão sendo deixadas de lado. O conhecimento bem aplicado por meio de força de vontade, pode fazer reviver grandes contextos, que antes não se conhecia. Por isso o estudo e pesquisa da história indígena é essencial.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os Índios na história do Brasil*. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O diretório dos índios: um projeto de “civilização” dos índios do século XVIII*. Brasília: editora da UnB, 1997.

CARVALHO, Maria do Rosário. *Negros no mundo dos índios imagens, reflexos e alteridades*, organizado por Maria Rosário de Carvalho e Edwin Reesink 2006.

CAVALCANTE, José Luís. *A Lei de Terras de 1850 e a Reafirmação do Poder Básico do Estado Sobre a Terra*.

CONSIGLIO, Vittorio. *Os jesuítas no Maranhão e Grão-Pará: formação e escrita da missão*. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CUNHA, Elba Monique Chagas da. *O Diretório dos Índios como projeto de “civilização” portuguesa para os sertões pernambucanos*. Revista Latino-Americana de História. Vol. 3, n°. 12-Dezembro de 2014.

CUNHA, Elba Monique Chagas. *Sertão, sertões: colonização, conflitos e História Indígena em Pernambuco no período Pombalino (1759-1798)*

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil :história, direitos e cidadania*. — 1a ed. — São Paulo : Claro Enigma, 2012.

FONSECA, Karilene Costa. *DISCUTINDO “CATECHESE” E CIVILIZAÇÃO DOS INDÍGENAS: colônia São Pedro do Pindaré- MA (1845-1855)*

HENRIQUE, Márcio Couto. *Presente de branco: a perspectiva indígena dos brindes da civilização (Amazônia, século XIX)*, 2016. Revista Brasileira de História, vol. 37, no 75 pp.195-216.

*Hernán Cortez: civilizador ou genocida?* Marcos Vinicius de Moraes. - São Paulo: Contexto, 2011.

*O diretório dos índios: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII*, de Rita Heloísa de Almeida. Editora UnB, 1997.

*O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje* / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade;LACED/Museu Nacional, 2006

RABELO, Diego Fernando Silva. *Repertório pedagógico sobre a temática indígena*. / Diego Fernando Silva Rabelo. - São Luís, 2019.

*Repertório pedagógico sobre a temática indígena*. / Diego Fernando Silva Rabêlo. - São Luís, 2019.

SAMPAIO, Patrícia Melo. *Política Indigenista no Brasil Imperial* / GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. (Orgs.) *O Brasil Imperial (1808-1889)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, pp. 175-206, 2009.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *A igreja e a Construção do Estado no Brasil Imperial*. 2013.Simpósio Nacional de História – UFRJ, 2013.

TEAO, KalnaMareto. LOUREIRO, Klítia. *História dos Povos Indígenas do Brasil*. 2013. Universidade Federal Fluminense – UFF, 2013.